Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



JANET CHAPMAN, Pequena grande actriz que o EDEN vai apresentar, sexta-feira, no filme «A MENINA DA SORTE»

2.ª SÉRIE — N.º 25 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 5 DE MAIO DE 1941 — PREÇO: 1$50



«GENTE ALEGRE»

é o título em português da desopilante comédia produzida por

HAROLD LLOYD

«A GIRL, A GUY AND A GOB»

onde vemos, numa história cheia de alegria e movimento

LUCILLE	GEORGE	EDMOND
BALL	**MURPHY**	**O'BRIEN**

apresentada pela R. K. O. Rádio Filmes

2.ª série / N.º 26 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA — R. do Salitre, 151-155—LISBOA—Telef. 48276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL-Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

5 de Maio de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA
Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

O primeiro espectáculo promovido pelo «CLUBE DO ANIMATÓGRAFO»

teve real interêsse cinematográfico

Com uma casa cheia — cheia de autênticos e devotados cinéfilos — o «Clube do Animatógrafo» deu o seu primeiro espectáculo no cinema do Palácio das Exposições, no Parque Eduardo VII. Foi um acontecimento notável e a todos os títulos digno de registo. Noite bonita, cheia de interêsse, de entusiasmo, valorizada sem dúvida pelo ambiente, digamos familiar, absolutamente dentro das características dum verdadeiro clube.

Os sócios, movidos por natural curiosidade e visível espectativa, acorreram em massa. Houve até um sócio — cem por cento amigo de cinema, inegàvelmente — que se deslocou de propósito das Caldas da Raínha, para assistir ao primeiro espectáculo do «Clube do Animatógrafo».

Uma sessão idêntica às que se faziam há vinte anos...

António Lopes Ribeiro fez a apresentação do Clube e explicou o critério que presidiu à selecção dos filmes — autênticas relíquias de museu, cópias velhas, ressequidas, algumas com mais de trinta anos de existência. Frizou que o espectáculo se dividia em duas partes inter-dependentes — uma silenciosa, outra sonora. Para que os cinéfilos da velha guarda recordassem os tempos do mudo e os cinéfilos de hoje tivessem a noção exacta do que era um espectáculo de filmes na época em que o cinema se chamava animatógrafo e as salas de projecção tinham capainhas à porta, o Clube resolvera que o seu primeiro «sarau» fôsse absolutamente idêntico aos que se faziam à vinte e tal anos. Como os filmes eram mudos, tocar-se-iam ao piano, músicas antigas...

De facto, uma pianista, D. Dídia Gama, sentou-se ao piano trazido expressamente para o espectáculo e acompanhou os filmes, no estilo da época, tocando, entre outros números, a «Amoureuse», o «Barrabás» e a marcha da «Banda de las Trombetas».

Na tela, desfilou uma parada de modas de 1912 a 1918 e que provocou franca hilaridade da assistência. Filme completo, a quem nem sequer faltava o colorido em que se especializava a casa Pathé — um colorido obtido por um processo de estampilha e que foi o incipiente percursor do moderno «techinocolor». Muitos e francos aplausos interromperam a projecção e bastas vezes o público riu dos «derniers cris» de então que o filme lhe mostrou.

Actualidades retrospectivas

Actualidades: a proclamação de Sidónio Pais, as saüdações na varanda da Câmara Municipal, o desfile de tropas na Avenida e nos Restauradores...

Foi um curioso regresso ao passado. Vultos conhecidos — e que a platéia reconheceu fàcilmente reviveram para os sócios do Clube, uns escassos dez minutos. Num respeitoso silêncio, a assistência assistiu à projecção do interessante documentário — preciosidade que bem merece ser guardada.

No final, nova salva de palmas premiou o nosso modesto esfôrço de apresentar autênticas e veneráveis relíquias bem dignas de serem arquivadas numa cinemateca.

Para não perturbar o silêncio que pesou na sala durante a projecção dos primeiros metros dêste filme, o piano calou-se. (Era também um costume da época, em que às vezes a pianista parava para descançar... quando não para ver a fita).

Um «Sketch» de Max Linder

Um antiquíssimo «sketch» de Max Linder foi, a seguir, apresentado aos sócios do Clube. O famoso cómico, considerado como mestre de Charlie Chaplin, veio até ao cinema do Parque Eduardo VII trazer-nos um pouco do seu bom humor, servido pela técnica e pela ingénua trucagem cinematográfica do comêço do século.

O filme, salvo e aproveitado pela UFA, encontra-se enquadrado numa cecna do filme de Geza von Bolvary «O Roubo da Gioconda», em que apresenta Willy Forst e Trada von Molo. O «sketch» de Max Linder incluído nesta produção intitula-se «Max Linder ilusionista».

Finalmente, Charlot

O filme de Charlot (e dizemos, propositadamente, Charlot e não Charlie Chaplin, para respeitar o nome de guerra porque o famoso mimo era conhecido nos primeiros tempos da sua carreira) é um «clássico» de raro valor. Trata-se duma cómica em que Charlot nos aparece ainda sem o bigode nem as botas da silhueta clássica, e em que actua não como primeira mas como segunda figura. A seu lado, contracenam Ford Sterling — que era o protagonista — e Fatty, o saudoso Fatty, roliço, rotundo, que fêz a delícia dos cinéfilos da velha guarda.

O filme já não tem, porém, princípio nem fim, mas chega para nos revelar o Charlot da primeira fase, já senhor do segrêdo de fazer rir e mestre em matéria de «gags». O «gag» da mesa e dos suspensórios — principalmente êste — são dois achados que ainda hoje fazem rir a bom rir.

Os sócios do «Clube do Animatógrafo» divertiram-se com o filme — riram com as legendas, ingénuas e explorando trocadilhos baratos, mas bem caracterizam a época do filme, que foi o segundo que Chaplin interpretou para Mack Sennett, pouco depois da sua chegada à América, com a «troupe» inglesa de Fred Karno, em 1910.

O público aplaudiu entusiàsticamente.

«O Caminho do Paraiso»

A abrir a segunda parte do programa, António Lopes Ribeiro fez a apresentação do «Caminho do Paraízo», explicando que êle foi escolhido para o espectáculo por ser a produção que revolucionou o cinema sonoro, mostrando tôdas as possibilidades técnicas do aproveitamento do som nos filmes musicais.

A deliciosa opereta, de que foi protagonista Lilian Harvey, teve ainda o condão de interessar todos os que a tornaram a ver. Música, história, interpretação, direcção, mantiveram — salvo os senões de certos pormenores e o estado da cópia — o mesmo encanto que lhes conhecemos e que deram ao filme uma categoria e um êxito invulgares.

Ao lado de Lilian, Henry Garat, René Lefèbvre, Gaston Jacquet, Olga Tschekowa — quantas saudades reavivaram naquela noite de sexta-feira, no cinema do Palácio das Exposições!

Os sócios do «Clube» e os seus convidados retiraram-se manifestamente satisfeitos.

E essa satisfação é o maior prémio que «Animatógrafo» poderia ambicionar.

Os sócios da província decerto lamentarão não terem podido assistir ou fazer o mesmo que fez aquele que veio propositadamente das Caldas da Raínha. Mas tenham paciência. Há-de chegar a sua vez.

De facto, volvidos tantos anos sôbre a estreia do filme que, no seu tempo, contou maior número de exibições, pudemos avaliar bem o que «O Caminho do Paraiso» representou para o cinema sonoro, libertando-o das peias que o prendiam. Nessa época, ainda era a Europa quem ditava leis em matéria cinematográfica — conquanto os americanos já nos tivessem dado numerosas obras primas. Foi, de facto, a Europa quem indicou a Hollywood a maneira de utilizar os sons, mostrando-lhe o «Caminho do Paraiso» e foi a Europa que ensinou o Novo Mundo a movimentar a câmara, recurso a que os americanos sempre se mostraram renitentes e que só começaram a empregar depois do «Congresso que Dança» os ter convencido em absoluto. De então para cá, a supremacia do movimento das câmaras passou a pertencer aos americanos, que nunca mais foram igualados. Hoje, em que Hollywood dita as «modas» em matéria de estilo cinematográfico, os movimentos de câmara tendem a acabar. John Ford deu-lhes uma tremenda machadada em «Tormenta a Bordo». Todos os realizadores de Além-Atlântico passaram a imitá-lo.

Saüdosos tempos os de «Caminho do Paraiso» em que a Europa ainda tinha voz activa na arte cinematográfica!

O espectáculo do Palácio das Exposições patenteou francamente a evolução do cinema.

A reportagem fotográfica do primeiro espectáculo do «CLUBE DO ANIMATÓGRAFO» será publicada no próximo número

À Margem das Fitas

POR FAUL FARIA DA FONSECA

James Stewart foi chamado a prestar serviço militar nas fileiras do Exército Americano, perto de Hollywood, no Forte Mc Arthur. A propósito, lembra o «Variety»:

«James Stewart é um dos felizardos mais bem pagos do Exército, pois recebe 21 dollars mensais do Tio Sam e mais 1.000 dollars, por semana, do tio... Louis B. Mayer da Metro, livres da percentagem de 10 %, normalmente paga por êle ao seu agente, a título de comissão».

O ano tem 52 semanas. Portanto, Jimmy recebe, anualmente, da M. G. M., 52.000 dollars. Por mês, o vencimento é de 4.333 dollars, que, acrescidos dos 21 (que lhe dá o Tio Sam) perfaz a quantia de 4.354 dollars, ou sejam, aproximadamente, 108 contos. Isto, em tempo de mobilização. Se Jimmy estivesse ao serviço efectivo nos estúdios, receberia, por mês, não 108, mas sim... 325 contos

De facto, James Stewart deve ser um dos felizardos mais bem pagos do Exército dos E. U.

Que pena eu tenho dêle!...

•

Depois dos grandes concursos e votações dos críticos, dos exibidores e da Academia, os estudantes americanos resolveram também escolher os melhores filmes de 1940.

Eis os resultados:

Gone with the Wind (... E Tudo o Vento Levou);

Northwest Passage (A Passagem de Noroeste);

Boom Town (Dois contra o Mundo); The Mortal Storm; Rebecca; Grapes of Wrath; Foreign Correspondent (Correspondente de Guerra); All this and the heaven too; e Knute Rockne — All American.

•

Sam Wood foi êste ano o realizador encarregado de filmar a cerimónia da entrega dos prémios da Academia. Assistiu-o Joe Lefert, técnico dos estúdios da Paramount. A última reportagem fôra feita pela Warner e constituia um documentário de três partes, que não chegámos a ver. Talvez, desta vez, tenhamos mais sorte.

•

Wallace Beery e Shirley Temple vão interpretar juntos «Lazy Bones». A seu lado, Leo Carrillo e Marjorie Main completarão o conjunto singular. No seio da selva floresce uma delicada e bela flor. Hollywood é dêstes caprichos...

•

Finalmente, Garbo vai falar pelos cotovelos. Gottfried Reinhard resolveu convidar a estrêla para a primeira figura feminina duma comédia em que ela fará dois papéis. Como se não bastasse essa circunstância para Garbo ter de falar a dobrar, George Cukor, o grande realizador e também o grande partidário dos filmes 100 % falado, foi escolhido para a direcção.

Vamps, Ingénuas & Galãs

A Cidade Turbulenta fez-nos lembrar a idade de oiro do Cinema mudo, e o Cinema mudo trouxe-nos a recordação da vampe, que a presença da Marlène mais avivava.

Um belo filme êste, a sobressair entre as comédias americanas do tipo 1 mulher + 2 homens ou 1 homem + duas mulheres, de que a temporada tem sido verdadeiramente pródiga.

A vampe não correspondia a uma verdade palpável; pelo contrário, a mulher efectivamente vampe só depois de criada pelo Cinema teve projecção na vida.

Começaram a aparecer mulheres-vampes fora da tela, como surgiram os rapazes de bigode «à Menjou» ou como na América é vulgar deparar alguém com a rapariga que veste e calça e se *conforma* à medida da Deanna Durbin.

Porém, a moda, mòrmente quando é feminina, passa depressa, e hoje a figura da vampe não se acomodaria fàcilmente aos sapatos de salto razo e ao passo gimnástico — com que sinceramente nos congratulamos, mais não fôsse porque moralmente tal figura em nada se recomendava.

Em última análise a vampe era a mulher que fatalmente seduzia os homens, num abrir e fechar de olhos pestanudos e lânguidos, coleccionando corações com o mesmo frenesim dum pele-vermelha a arrebanhar cabeleiras .

* * *

Da mesma cêna ultra-romântica nasceu a ingénua. Nêste como noutros aspectos o Cinema bateu o livro e o palco (há espaço para todos), pedindo meças de ingenuidade para as suas heroínas.

E tem imensa graça que isto sucedesse precisamente no país em que as raparigas cêdo começam a discernir sôbre as culpas que teriam cabido ao Adão e à Eva na repartição da maçã.

O facto é que ninguém levava a palma em ingenuidade às raparigas dos filmes de vaqueiros, sempre prontas a aceitar encontros misteriosos com um homem de má cara e piores intenções, situação a que o cavaleiro destemido e audaz vinha pôr côbro (uf!) no momento preciso.

Era então que o Amor fazia a sua aparição súbita de paraquedista, com não fingida surprêsa da donzela.

Não foi sem custo que o Cinema, pouco a pouco, se emancipou desta tutela.

Mas a reacção, por sua vez, foi desmedida. Estamos a ver a Clara Bow de chapéu de marujo, à banda, a piscar o ôlho num tregeito assás equívoco. Tanto também não.

E como tudo neste mundo tende para uma posição de equilíbrio, temos agora a rapariga do género da Ginger Rogers, pura e simples, mas que sabe não serem recomendáveis entrevistas a horas mortas, com pessoas estranhas, na cabana do Vale do Demónio...

* * *

Outra criação não menos artificial é a do galã de profissão, ou seja o menino-bonito irresistível.

A *glória* do Rodolfo Valentino não foi efémera só por êle ter morrido novo. Daí por diante o galã que vencia e convencia pela sua boa presenca passou a arrastar uma vida difícil. O Clark Gable, com modos bruscos de rachador de lenha e cara de topografia irregular, deu-lhe o golpe de misericórdia.

Sem querer abrir pleito sôbre beleza máscula, diremos simplesmente que não parece razoável pretender o homem conquistar a mulher com as mesmas armas de que ela dispõe...

Em todo o caso, depois do Gable veiu o Powell e assim sucessivamente até aos nossos dias, no que o Cinema se mostrou avisado.

Como não há regra sem excepção aparece-nos o Robert Taylor, que alcançou o grau de galã no dia em que contracenou com a Garbo na «Margarida Gauthier», a desmentir aparentemente o princípio exposto.

Ora afigura-se-nos que se êle é, no consenso das damas, pessoa muito bem parecida, não foi com essa prenda que ganhou o galardão. Por outras palavras, se Robert Taylor fica bem na primeira fila da pleiade de galãs de que dispõe o Cinema americano, isso deve-se à boa qualidade das suas interpretações, sem a qual voltaria seguramente ao anonimato.

* * *

De tudo se depreende que o Cinema se liberta do artificialismo em que se debatia, procurando emprestar humanidade a *tipos-vivos*.

Assim, deixaram de ter razão de ser figuras com etiquetas postas.

Compreende-se perfeitamente que o galã seja por vezes um pouco cínico e que o cínico tenha os seus momentos de sentimentalismo, como se admite que haja mulheres capazes de *fatalizar* um homem, e não qualquer homem, e ainda que a ingenuidade é uma flor não isenta de espinhos...

A. CARVALHO NUNES

«AS MÃOS E A MORTE»



Uma cena da obra-prima realizada por Lewis Milestone e interpretada por Betty Field, Burgess Meredit e Lon Chaney Jr. que «Animatógrafo» e a Sonoro-Filme vão, brevemente apresentar ao público apreciador do bom Cinema, pois trata-se, na realidade, dum filme de excepção

PANORÂMICA

A Festa do «Clube»

Não foi uma festa pròpriamente dita. Mas não podemos deixar de considerar festiva a inauguração das sessões cinematográficas que, com a maior regularidade possível, o «Clube do Animatógrafo» vai promover.

A Câmara Municipal de Lisboa ficamos devendo a gentileza de nos ceder o salão de cinema do Palácio das Exposições do Parque Eduardo VII; ao Secretariado da Propaganda Nacional, a cedência duma das suas máquinas de projecção; à Companhia Cinematográfica de Portugal e à SPAC, a dos filmes que compuzeram o programa.

A noite decorreu no mais cordial convívio cinéfilo, salientando o nosso director, antes de cada filme projectado, os motivos da sua escolha e da sua significação na história do Cinema.

Os sócios do Clube manifestaram o maior agrado, pedindo que outras idênticas se lhe seguissem pròximamente.

E assim será.

Prova dos noves

Duas sociedades produtoras de filmes, a Tobis Portuguesa e a Sociedade Portuguesa de Actualidades, apresentaram nos cinemas de Lisboa e do Pôrto, dois documentários diferentes da Manifestação Nacional ao sr. Presidente do Conselho.

Para quem saiba ver, isto diz alguma coisa àcêrca das possibilidades reais da nossa indústria cinematográfica, possibilidades que só não têm sido aproveitadas convenientemente, quando não malbaratadas da forma menos aconselhável.

O Cinema Nacional associou-se assim completamente ao movimento de apoio e de confiança que o País inteiro moveu em tôrno do seu Chefe indiscutível, no dia do seu aniversário natalício.

O filme da Tobis corre em cinco cinemas de Lisboa — Tivoli, São Luiz, Odéon, Palácio e Condes — e em dois cinemas do Pôrto; o da SPAC, em quinze cinemas de Lisboa — Eden, Politeama, Olimpia, Central, Cinearte, Europa, Lys, Chiado Terrasse, Rex, Paris, Restauradores, Max, Imperial, Palatino e Promotora — e quatro do Pôrto: Trindade, Rivoli, Olimpia e Batalha.

O filme da SPAC, filmado por Manuel Luis Vieira e Artur Costa de Macedo, tem registo de som da Lisboa Filme, que também se encarregou do trabalho de laboratório, e inclui as manifestações no Pôrto.

Operadores

A intensa actividade de produção cinematográfica que actualmente se verifica teve como resultados haver dificuldade em conseguir operadores em número suficiente para se filmar como se devia a Manifestação Nacional a Salazar.

De facto, Salazar Diniz, Octávio Bobone e César de Sá encontram-se no Norte, os dois primeiros na Póvoa de Varzim, filmando com Leitão de Barros «Ala Arriba», o último em Arcos de Valdevez, filmando «Lobos da Serra» de Jorge Brum do Canto. Manuel Luis Vieira e Costa de Macedo eram os únicos disponíveis. Foi assim necessário chamar às fileiras os... «reservistas».

Tivemos assim o prazer de voltar a ver José Nunes das Neves, gerente do laboratório da Ulyssea-Filme, de «Kinamo» em punho, como nos velhos tempos dos «100 metros»; e a surprêsa de ver um operador de som, por sinal com a farda de comandante de lança da Legião, debruçado sôbre uma Super-Parvo.

O pior é que, no dia seguinte, já mais de metade dêste numeroso pessoal não tinha nada que fazer.

O nosso grito de guerra será sempre o mesmo: Continuïdade!... Continuïdade!...

Boatos

Não é só no campo da politica internacional, agora agitado pela guerra, que se verificam os mais inverosímeis boatos. No modesto campo cinematográfico nacional também o bicho daninho faz das suas, sempre das piores. A «familia que se dá mal» — para adoptar o achado de Augusto Fraga — dar-se-ia muito melhor se não a larvasse tanta boatada, gerada nos ócios do café e nos vícios da educação.

Houve tempo em que se deu às campanhas cerradas de boatos o nome pomposo e eufemístico de «Guerra de Nervos». Propomos um outro melhor que em pouco o modifica: Guerra de Servos.

«Acção»

De braço direito erguido, saüdamos com júbilo a reaparição do «semanário da vida portuguesa» que Castro Fernandes e Ferreira Gomes mantiveram há anos num nivel e num ritmo pouco vulgares na nossa apatia editorial. «Acção» reaparece dirigida por Manuel Múrias, jornalista e historiador que dispensa apresentações e elogios. Edita-o Armando de Figueiredo, em cujas oficinas também se fabrica o nosso jornal.

Daqui desejamos ao nosso irmão de máquina e de doutrina o destino que merece: firmeza de venda e firmeza — de acção.

Bilhete postal a Leitão de Barros

Meu caro Zé:

Recebi a tua carta, fechada, e abri-a nas páginas do jornal, por um movimento irresistível de vaidade. Respondo-lhe agora num «bilhete postal», que sempre custa mais um tostão que uma «carta aberta», o que te prova a grande consideração em que a tomei...

A minha vaidade justifica-se — e tu sabes bem porquê. É que eu fundei o «Animatógrafo» exactamente para que houvesse uma revista portuguesa de cinema onde, como tu dizes, «se tratassem os vastos problemas e se estimulassem as iniciativas», sem «o elogio mútuo e fácil», destacando «o que é honesto, estudado e consciente» do que não passa de «amadorismo perigoso, leviana e inconscientemente construído». E se tu próprio agora me vens dizer que o consegui — é porque o consegui certamente.

Também eu creio, como tu crês, que se abrem novos rumos e destinos novos à cinematografia cá da terra ou, melhor, cá da casa — a «pequena casa lusitana» de Camões a que Salazar acrescentou um novo e soberbo andar, como alguém disse. Tu, que fizeste o mesmo à tua casa da Rua do Arco, acreditas, como eu, que êste o tempo, a idade, a hora própria de aprestar um compartimento onde se instale, sem luxo, mas com gôsto, sem megalomania, mas com decência, aquilo que tu e eu, mais o Chianca (que foi à procura de «espaço vital» para o Brasil), sonhamos um belo dia que existisse, e que está quási, quási a existir...

E há-de existir, como eu dizia na semana passada, QUER QUEIRAM, QUER NÃO.

Porque tu queres, eu sei. MAS HÁ QUEM NÃO QUEIRA!

E os que não querem, não são inofensivos, longe disso. Tão pouco inofensivos, que foram êles que nos embaraçaram, a nós e aos outros, e nos embaraçam, e estão dispostos a continuar a embaraçar-nos, com o ar mais tranqüilo dêste mundo.

Contudo, esquècem-se duma coisa: é que no dia em que se disser tudo o que têm feito e os motivos porque o fizeram, como tu sabes e eu sei; no dia em que faltar o último miligrama de paciência, tenho a certeza de que teremos connôsco — e digo connôsco, porque a tua carta veio provar-me que tu estás do mesmo lado da trincheira — todos aqueles de quem depende, realmente, o destino do Cinema Português: o público e o Govêrno; o povo e os Chefes.

Desta guerra, estou certo, não hão-de resultar apenas coisas más. A confiança, a fé que Salazar nos contagiou na segunda-feira passada, há-de produzir frutos agradáveis à bôca e à alma.

E da «família que se dá mal» basta dar por interditos os predulários, castigar os maus cunhados e eliminar sem escrúpulos os primos afastados que disputam aquilo que lhes não pertence.

E os «homens de respeito», como se diz na Póvoa em que tu filmas, hão-de ajudar-nos a tomar essa medida que é, fundamentalmente, uma medida higiénica.

Um abraço do teu

ex-corde

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Em que base científica assenta a obra de SWIFT «Viagens de Gulliver»?

Vocês todos viram as «Viagens de Gulliver» o curioso e desconcertante filme de desenhos animados que M. e A. Fisher extrairam da célebre novela de Johnantan Swift. A crítica a esta singular *maravilha colorida* no que ela tem de bom e por ventura de deficiente está feita. Não me compete a mim que não tenho tribuna de crítico no «Animatógrafo», — certamente muito melhor servido com António Lopes Ribeiro, Domingos Mascarenhas e outros — dizer o que pode interessar sob o ponto de vista exclusivamente cinematográfico nessa obra.

Para mim, as «Viagens de Gulliver» foram principalmente pretexto para comovida evocação de tempos que já lá vão muito distantes.

Devo confessar assim qual outro Jean Jacques Rosseau que foi no livro de Swift que senti despertar o meu primeiro interêsse pela vida de aventuras, e que nesses recuados tempos imediatamente resolvi ir um dia às ilhas que Gulliver visitou. Imaginação de criança direis. Mas parece que não. Com efeito o sábio investigador inglês Dr. Victor Purcell dos Serviços de Administração Civil da Malasia ao examinar há pouco um exemplar da primeira edição das Viagens de Gulliver publicadas em 1726 observou que o mapa usado como frontespício mostra Lilliput e Blefescu precisamente na mesma rela-ão com Java e Sumatra e com o Estreito de Sonda que as ilhas do Natal (Christmas Islands) têm na actualidade.

Pensando que se tratava de uma interessante coincidência o dr. Purcell procurou averiguar em que base científica assentava a obra de Swift e chegou à conclusão que o escritor irlandês fundamentara a parte geográfica das Viagens de Gulliver no trabalho de Dampier «Viagens» o qual foi publicado nos começos do século XVIII. Dampier visitara Christmas Island em 1688. Como não há nenhuma outra ilha num raio de muitas centenas de milhas parece certo, sustenta o dr. Purcell, que Swift localizou Liliput onde são actualmente, e sempre foram, Christmas Islands.

ALVES DE AZEVEDO

CINEMATOGRAFIA MÉDICA

Um curioso micro-filme sôbre a divisão celular

por AMILCAR MOURA

Os complexos fenómenos da divisão celular são conhecidos de há muito da observação microscópica. Com o advento da microcinematografia, é possível assistir ao desenrolar dêsses factos capitais para a vida duma célula, com uma riqueza de pormenores tal que o microfilme resulta cheio de interêsse.

A célula é a unidade biológica primordial. É o elemento-base das coisas animadas de vida. Vejamos ràpidamente a sua morfologia. Vista ao microscópio, uma célula-tipo é constituída por uma massa de substância, denominada «protoplasma», no seio da qual se encontra, centrado ou na periferia, um corpúsculo, de importância fundamental, a que se chama núcleo. O conjunto é envolvido por matéria mais densa, mais compacta, que tem o nome de «membrana celular», limite exterior da célula. O núcleo é a parte onde se passam os fenómenos mais importantes da divisão celular. Com uma lente de maior ampliação, auxiliada por processos de iluminação especiais, o microscópio pode descortinar, no meio da massa nuclear, uma rêde extremamente delicada que toma com facilidade os còrantes e que é a «cromatina». A cromatina aparece, às vezes, em pequenas massas, ora isoladas, ora agrupadas em formações mais ou menos caprichosas. Tal substância toma parte activa no fenómeno da divisão celular, como vai ver-se.

O filme que nos mostra como uma célula-mãe se divide em células-filhas é constituído, como as fitas que vemos, à noite, no Cinema, por várias partes. Neste caso particular, o espectáculo passa por três fases importantes. O filme inicia-se quando a célula atingiu o volume reputado suficiente para a sua divisão. Nessa altura — e entramos, agora, na primeira parte — vemos as massas de cromatina que estavam dispersas pela superfície nuclear, juntar-se umas às outras e organizar-se num cordão enrolado sôbre si mesmo, até tomar o aspecto dum verdadeiro novêlo. Em seguida, o cordão começa a encurtar e a adquirir maior espessura. Numa fase posterior, vemos projectar-se no «écran», em imagens consideràvelmente aumentadas, sucessivas divisões, no sentido transversal, do cordão. Resulta daqui que o novêlo primitivo se transforma numa série de pequenos bastonetes chamados os «cromossomas». Estes desdobram-se longitudinalmente e, com esta operação, entramos na segunda parte do processo.

Verifica-se, então, que os cromossomas, depois de se terem dividido transversal e longitudinalmente, se dispõem no plano equatorial do núcleo em duas placas paralelas. Vários outros fenómenos que seria fastidioso enumerar aqui, se passam contemporâneamente com os factos descritos. Mas, todos êles são, por assim dizer, fenómenos secundários. Na verdade, a nossa atenção é sobretudo solicitada para as caprichosas evoluções dos cromossomas.

Na terceira fase do maravilhoso filme a que temos estado a assistir, vão passar-se coisas extraordinárias que mostram até que ponto a Natureza é habilidosa e sábia. Os pequenos bastonetes a que nos referimos e que são, agora, em número maior que inicialmente, em resultado da dupla divisão que sofreram, vão empreender estranha viagem. Com efeito vê-mo-las moverem-se lentamente, como que sob a influência duma atracção magnética, irresistível para as partes polares da célula. Por fim, chegados aos polos, os cromossomas reünem-se topo a topo em conseqüência do que se organiza, de novo, o novêlo cuja formação explicámos acima. Somos levados a pensar que o filme se repete mas em sentido inverso, do fim para o princípio. Depois, a pouco e pouco, imperceptìvelmente, o novêlo transforma-se naquela fina e delicada rêde de cromatina que já conhecemos. O filme está prestes a chegar a termo. Neste momento estamos, então, em presença dum núcleo em cujos dois polos existem duas fiadas de cromossomas. É nesta altura que sucede um dos acontecimentos mais interessantes: a meio do núcleo começa a ver-se uma depressão que aumenta gradativamente até o dividir em duas partes iguais. Contemporâneamente, idêntico processo aparece no protoplasma envolvente. Assim, verifica-se que a membrana celular se deprime num sulco cuja profundidade é cada vez maior, até que a massa protoplásmica acaba por cindir-se em duas metades.

O filme chegou ao fim. Duma célula com o seu protoplasma e o seu núcleo, resultaram duas células absolutamente iguais, cada uma possuindo a sua massa protoplásmica e nuclear. Amanhã, atingindo o limite de crescimento cada um daqueles elementos voltará a dividir-se e a engendrar novas células. Assim se formam os tecidos que nada mais são que agregados. Dos tecidos resultam os órgãos cujo conjunto forma os aparelhos e sistemas. Estes, por sua vez, constroem, afinal, o organismo vivo.

É à microcinematografia — repete-se — que devemos êste espectáculo curiosíssimo que pròdigamente nos é oferecido pela Natureza. O micro filme dá-nos imagens animadas com uma exuberância de pormenores que se fixam na retina por forma dificilmente excedida por outros processos de observação. Em certas ocasiões, a divisão das células faz-se de maneira desordenada, tumultuosa, sem obedecer a um plano de antemão determinado. Parece que as fôrças interiores da célula se descontrolaram e se exercem agora em vários sentidos Assistimos a um verdadeiro estado de anarquia celular que já o microscópico havia revelado aos cientistas e que a microcinematografia mostrou em tôda a sua pujança. Este estado de anarquia celular que uma vez visto jamais esquece, encontra-se nas formações tumorais, cancerosas que, quando se desenvolvem num organismo, o votam, quási sempre a uma destruïção precoce.

CINEMA PORTUGUÊS

II) A carreira de actor de Cinema

(Contin. do número anterior)

> **«Artista: trabalha e cria; não fales».**
> **GŒTHE**

Nos nossos dias, o cinema apresenta-nos outro caso espantoso de vocação para a arte de interpretar: Janet Chapman, actriz de quatro anos e meio de idade e que representa com a convicção e a sensibilidade de artistas adultos.

Apurado o grau de vocação, intuição e sensibilidade da criança que se pretende guiar até aos estúdios, cumpre dizer que a vida aberta à sua frente não é um céu aberto propício a mândrias e a regabofes, mas um caminho árduo, que é preciso trilhar com trabalho, preseverança e sacrifício. A publicidade e os fabulosos ordenados pagos às estrêlas constituem doirada poeira para os profanos.

Uma actriz de cimena não se pertence: é quási mercadoria alugada pelos seus produtores e, por muito que ganhem, setenta e cinco por cento dos seus honorários revertem, sob a forma de contribuição, na portentosa cidade de Hollywood, para o Estado americano.

Mas vejamos agora as faculdades que o artista dramático põe em jôgo para a realização do seu complexo trabalho, a-fim-de dar uma sensação nítida de facilidade e de simplicidade do actor diante das objectivas ou sôbre as quatro tábuas dum palco.

Diz Sarcey que o artista dramático deve afastar-se não só da ignorância, mas também da humildade. Deve ainda, em nosso entender — e conforme já dissemos aqui ([1])—isolar-se e encerrar-se na sua tôrre de marfim. Lucienne Boyer aparecia no palco e recolhia ao seu quarto, no hotel, justificando-se:

— Quem quiser ver-me, apareça na plateia...

Surge neste passo um problema curioso e que tem suscitado discussões: deve o artista ser servido pela inteligência? E deverá ter dotes físicos?

Para certas autoridades, a inteligência constitue parcela insignificante no talento do actor (Sarcey) que, dêste modo, seria intérprete mas não criador. Para outros, a inteligência tinha importância vital (Lekain). Em nossa modestíssima opinião, a inteligência é sempre factor útil e necessário, quer num artista, quer num artífice.

Grimm dizia que o actor devia possuir boa voz, figura nobre e agradável—factores estes que substituíam com vantagem o talento. Lekain — actor famoso mas desprotegido da natureza—entendia que a alma era o elemento número um da formação do actor; depois, a inteligência; a seguir a dicção; por fim a graça e o desenho do corpo.

Referimos já, nestas colunas ([2]), o caso de Monvel, — Jacques Boutet de Monvel, actor francês muito famoso, do século XVIII. A sua celebridade deve-se só aos seus dons intelectuais. Era actor instruído, mas feio, deselegante e sem voz. Outrotanto, sucedeu com Lekain, outro grande actor francês, que foi um dos maiores ídolos do seu tempo. Talma, êsse trágico espantoso de que Napoleão foi discípulo, também estava longe de ser homem perfeito.

Pretender explicar com a inteligência ou com os dotes físicos se o actor cria ou apenas traduz, parece-nos inútil. O que importa, bàsicamente, é saber se o intérprete tem apenas estôfo para comediante ou se vale como actor. Esta diferença, sensível e importante, entre o comediante e o actor, nem sempre é convenientemente notada e muito menos resolvida.

Quanto ao problema do verdadeiro significado e do verdadeiro trabalho do artista dramático não julgamos de capital necessidade resolvê-lo. O actor cria ou reproduz? Aqui para nós, há os que criam e há os que se limitam a reproduzir... Não vale a pena insistir nesta tecla.

Quanto a nós, o actor não deve pretender apenas ser actor: deve querer ser artista. E então criará. Mas para alcançar êsse cume tão elevado e tão pouco acessível o intérprete deve pôr a sua alma e a sua sinceridade ao serviço do papel (Mounet-Sully), ou deve trabalhar sem recorrer à sua sensibilidade (Coquelin)?

Aí caímos nós no estafado paradoxo de Diderot, muito falado e pouco lido demais entre nós, onde as suas traduções são más e, muitas, incompletas. Faremos vista grossa a Diderot e fechamos o bule dêste requentado chá que ferve. Cada qual faz como sabe, como prefere e consoante a sua maneira de sentir.

Se um actor se emociona de verdade, corre o risco de perder o «contrôle» e de prejudicar o papel e a interpretação, mas se nunca perde êsse «contrôle» emociona-se à vontade que o público só aplaudirá. Mas, permitam a opinião, o actor é a entidade que tem a função de representar, isto é: de imitar, de traduzir sentimentos; logo, não tem que ir para a cena para chorar ou para rir só porque tenha vontade de destilar lágrimas ou de desopilar o fígado.

Mas adiante.

III

Para se formar o actor, indicámos o essencial: instruí-lo, ensinar-lhe gimnástica, dansa, dicção, desenvolver-lhe a memória, apurar-lhe as maneiras e a educação.

(Continua no próximo número)

MOTA DA COSTA

([1]) «Animatógrafo) 2.ª série, n.º 18, de 10 de Março.

([2]) «Animatógrafo», 2.ª série, n.º 19, de 17 de Março.

VER OUVIR... E FALAR

Todos os realizadores têm uma ambição. A de realizar um grande filme. Esta ambição é legítima. Honra a arte que demasiada gente ainda despreza. Mas há diferentes formas de imaginar o que deve ser um grande filme. Uns encaram a possibilidade de um vasto argumento. Outros pensam na adaptação de uma obra-prima imortal. Outros, ainda, pensam em tornar mais extensa a habitual metragem e em dar à tela uma fita capaz de por si só preencher um espectáculo.

Na minha opinião, um grande filme é outra coisa. Uma produção viva e animada constitui um «grande filme». Entre as numerosas realizações que tôdas as semanas são apresentadas ao público bem poucas são dignas de tão almejado título. O teatro hipnotiza muitos realizadores. Fazem exprimir os sentimentos das personagens como no teatro, por atitudes e jogos fisionómicos. Ora bastaria, muito simplesmente, expôr as situações com clareza, agrupá-las bem, para que o filme saisse do torpor visual.

O ritmo «alegro» convém ao cinema e o público não considera grande filme senão aquele cuja vida e movimento emocionam e empolgam.

Isto vem a propósito do novo filme de Leitão de Barros. Quem viu «Maria do Mar» pode pressentir todo o partido que o autor tirará de um novo tema como o de «Ala, Arriba!», tão simplesmente humano. Nenhum efeito contém a não ser a impressionante presença de algumas almas — almas frustes como a terra onde vivem em vizinhança constante com o mar, caracteres simples e rudes de homens que à sua volta apenas conhecem o vento do oceano e as suas pesadas ocupações. Quási não chega a ser acção que conte. É antes factos, mas através dos quais transparecem seres, numa poesia ardente e selvagem...

Todavia há que ter em conta que os tempos mudaram muito desde «Maria do Mar». Os cordelinhos e os artifícios caducaram hoje em dia. Àparte raras excepções é arriscado rever um filme muito antigo. Só algumas obras-primas escapam ao perigo de uma reposição. A moda é inconstante, muda terrivelmente depressa, e a técnica, que o nosso olhar julga insignificante, renova-se constantemente e muda a forma das tomadas de vistas. Foi essa transformação incessante que nos trouxe os admiráveis filmes de hoje.

Olhemos para traz e recordemos a época bastarda em que a mímica dos comediantes dava livre curso à sua exuberância. Declarações de amor exageradas e uma ênfase de gestos, que precipitava os movimentos, ridicularizava a nova pantomima. Veio, então, a chamada literatura de imagens. Eram as sôbre-impressões, as montagens rápidas, os símbolos. O cinema russo fazia escola e copiava-se-lhe o seu tom de novela rural. (Foi nessa altura que se impôs «Maria do Mar»). Depois, o filme falado trouxe, nos primeiros momentos de incerteza, tudo o que artificial havia no teatro. Corrigiram-se êrros. Deu-se à indústria e à arte o tempo necessário para a sua adaptação e depuração. O cinema, como qualquer grande engenho, não se fez num dia e precisou de tempo para funcionar afinado.

E o público, insaciável minotauro, engulindo palavras ao mesmo tempo que imagens quási não deu por isto. Mas os homens de cinema é que o não devem ter esquecido...

AUGUSTO FRAGA

CINEMA DE AMADORES

Boa figura...

Dedicamos hoje, exclusivamente, aos amadores de Lisboa esta nossa crónica.

....

Para garantir a existência seja do que fôr, é preciso alimento. Para que uma pessoa viva é indispensável a comida, para que um automóvel ande é necessário gasolina, para haver uma cinematografia de amadores é preciso filmes. Mas fazer com regularidade e não esporàdicamente como agora se verifica.

Há mil e um pretexto para justificar esta ausência de produções, mas todos êles quebradiços por natureza. Mas se a sua consistência fôsse um pouco maior, havia a actividade dos amadores de outras cidades do país para os derruir.

Consideramos esta carência de produções como resultado do desinterêsse das pessoas responsáveis pela sua existência.

Aqueles que se encontram numa posição acima da maioria dos amadores são ainda mais culpados do que êles.

Não basta imaginar, é preciso realizar.

Sessões, concursos, conferências, não podem ficar apenas em projectos, guardados numa gaveta. Não; é preciso que se efectuem.

Nós, daqui, não o podemos fazer, tanto não está em nossa mão. Temos um dever apenas: apontar êrros para que se não repitam e acarinhar, ajudando a desenvolver, a cinematografia de amadores em Portugal.

Quando, como hoje, mencionamos incorrecções é para que se evite a sua continuação e se prossiga na caminhada pedregosa até se alcançar o lugar desejado por todos os amadores portugueses.

Temos dito muitas vezes: é preciso fazer filmes, mais e muito mais do que até aqui. Repetimos hoje e dizemos mais: É PRECISO FAZER BOA FIGURA E SER-SE UM POUCO BAIRRISTA!

JOÃO MENDES

A ADA-FILMES e a S.F.A. estabeleceram um acôrdo tendente a desenvolver o cinema de amadores no Pôrto

No passado dia 24 foi assinado na cidade do Pôrto, um acôrdo entre a S. F. A. (Sociedade de Filmes de Amadores) e a ADA Filmes. A êste acto, que se efectuou numa das salas do Grande Hotel da Batalha, onde se encontra instalada a sede da S. F. A., assistiram, além dos presidentes das duas agremiações, os srs. Augusto Romariz Peres, Manuel Ferraz e Acácio Pestana como representante da Sociedade «Pathé Baby».

O acôrdo estabelecido não implica uma fusão mas sim uma valiosa e indispensável colaboração para a realização de filmes e organização de sessões, promovendo-se um intercâmbio de produções nacionais e estrangeiras.

Iniciaram os seus trabalhos preparando uma sessão de filmes de amadores lisboetas.

Como se deve compreender, êste acôrdo é da maior utilidade para os amadores do Pôrto que assim terão oportunidade de ver filmes que lhes premitirão medir o desenvolvimento da cinematografia de amadores em Portugal.



Após a assinatura do acôrdo, tirou-se esta fotografia, em que vemos, da esquerda para a direita: Elísio Coelho, presidente da S. F. A., Manuel Ferraz, Augusto Romariz, Lopes Fernandes, presidente da ADA Filmes, e Acácio Pestana

POR TERRAS DO NORTE

A actividade do «Condor Cine-Clube»

É com satisfação que continuamos a arquivar nesta secção notícias sôbre a actualidade dos amadores portugueses. Prova-se desta maneira o incremento que pouco a pouco vai tomando a cinematografia de amadores no país.

Cabe hoje a vez ao «Condor Cine Clube».

FALA AMÉRICO CORRÊA

Como v. sabe fui sócio da S. F. A. durante muito tempo. Mas devido a desinteligências que surgiram afastei-me daquela agremiação e com alguns amigos, também entusiastas por cinema de amadores, organizámos em Agôsto de 1940 o «Condor Cine Clube» que é composto presentemente por dezasseis associados.

Dei-lhes ânimo e paciência durante um largo período de inactividade, mas hoje, estamos prontos a produzir com confiança, não com uma aspiração a êxitos, mas com a certeza de realizar-mos com certa segurança e condições de agrado, porque êsse período de inactividade foi de treino valioso e de aperfeiçoamento que nos legou para hoje melhores ensinamentos.

E olhando o Douro que à nossa beira reflectia raios de um sol primaveril, prosseguiu: Como v. já o deve ter compreendido a minha principal preocupação é uma perfeita organização interna e espírito de camaradagem.

Tudo consegui com a satisfação de todos os que se agruparam comigo.

Estavamos satisfeitos. Esboça-se, na organização metódica das várias agremiações de amadores, a possibilidade de se constituir a Federação Portuguesa de Amadores de Cinema, ou o tão desejado Cine-Clube Português. Américo Corrêa concorda connôsco e considera indispensável a sua existência. De resto é esta a opinião geral dos amadores portugueses.

PRODUÇÕES

Sôbre a nossa actividade, prossegue Américo Corrêa, posso dizer-lhe que ela tem sido modesta mas séria, e como tal, já produzimos:

SÉ, CATEDRAL DO PÔRTO.

Documentário de *experiência*, sob a minha direcção, com fotografia de Fernando Alves, assistência de Fernando Aroso e legendas de I. Cooper Caton.

CHÁ DAS CINCO.

Pequena farsa de Fernando Aroso que também fêz a planificação.

Realizado por mim, tendo como operador Fernando Alves, anotador José Cândido Viana e legendas de Fernando Moura.

A interpetação estava a cargo de Maria Odete Pinto, Rénia Finkelsztein, Nuno Barros Basto, Fernando Aroso e Henrique Viana.

Esta foi a nossa mais recente produção.

A propósito duma notícia inserta num dos últimos números do *Animatógrafo* sôbre o «Miúdo do Têrço» devo dizer-lhe que o

(Conclui na pág. 18)



Após um dia de filmagem, os intérpretes de «Chá das Cinco» regressam satisfeitos pelo trabalho obtido

JANET CHAPMAN

Uma actriz extraordinária que tem apenas 4 anos de idade e vai seduzir Lisboa inteira com uma interpretação espantosa no filme «A MENINA DA SORTE» que o Eden estreia no dia 9

Temos a certeza absoluta de que ao leitor já não é estranho o nome JANET CHAPMAN, tantas vezes o tem lido no nosso jornal.

Agora que JANET CHAPMAN vai surgir pela primeira vez num «ecran» português, voltamos a repetir o seu nome, para que fique gravado para sempre na memória do público.

JANET CHAPMAN é a principal intérprete do filme «A MENINA DA SORTE», que a S. I. F. distribui e onde contracena com Ann Sheridan, John Litel, Frank Mc Hugh e outras, numa argumento original de Albert De Mond e George Bricker, realizado por John Farrow.

Estamos certos de que JANET CHAPMAN vai constituir um êxito pela sua invulgar personalidade e poder de comunicabilidade para com o público.

★

JANET CHAPMAN é uma pequena grande actriz.

★

JANET CHAPMAN não é apenas uma miúda com habilidade.

★

É preciso não esquecer que: JANET CHAPMAN não é um caso vulgar.

★

JANET CHAPMAN fará a delícia dos adultos e das crianças que a virem.

★

JANET CHAPMAN convida o público a tentar mostrar-se insensível perante a sua interpretação.

★

Se não fôr ver JANET CHAPMAN ao Eden, perderá a mais sensacional interpretação infantil do cinema contemporâneo.

★

«Uma grande actriz» — escreveu um crítico de Hollywood.

★

«JANET tem o dom supremo de fazer rir e de fazer chorar» — disse um crítico de Nova York.

★

«Ela conduz-nos e leva-nos para onde quere, brincando com o espectador e dominando-o a seu bel-prazer» — lê-se num «magazine» de Los Angeles.

★

Por tudo isto aconselhamos o leitor a não deixar de ver JANET CHAPMAN.

★

JANET CHAPMAN é a mais recente e excepcional descoberta que Hollywood fez nos derradeiros tempos.

★

Ela vence e convence, persuade e domina.

★

JANET CHAPMAN tornou-se estrêla depois de ter interpretado «A Menina da Sorte».



Esta é uma imagem da engraçada história duma menina que deu sorte a dois jogadores azarentos...

Não deixe de ver JANET CHAPMAN no Eden, a partir da próxima sexta-feira.

★

JANET CHAPMAN é a nova «mascotte» de Hollywood. Sê-lo-á também de todos os cinéfilos portugueses.

★

JANET CHAPMAN enternecerá o coração de tôdas as mães portuguesas.

★

Veja a «Menina da Sorte», o grande filme distribuido pela S. I. F.

JANET CHAPMAN é sucessora e émula de Jackie Coogan, Tommy Kelly, de Ann Gillis, de Shirley Temple.

★

«Um cotomiço de quatro anos que não deve nada à formosura... mas que irradia simpatia» — escreveu já um redactor de «Animatógrafo».

★

«Little Miss Thouroughbred» «A Menina da Sorte» constitui uma brilhante prova de exame.

★

A interpretação de JANET CHAPMAN tem, de facto, a segurança que só os artistas com uma longa carreira conseguem apresentar.

★

Menina que lêste estas linhas: pede aos papás que te mostrem a talentosa estrelinha de Hollywood.

★

Mamã que lêste estas linhas: não te furtes ao prazer de admirar uma menina tão simpática quanto inteligente.


★

Senhor que lêste estas linhas: se queres presentear a tua família com uma noite agradável, leva-a ao Eden a ver JANET CHAPMAN na «Menina da Sorte».

★

Leitores:

«ANIMATÓGRAFO», quando aconselha a visão de um filme é porque êle é de facto bom. «ANIMATÓGRAFO», recomenda aos seus leitores a actrizinha JANET CHAPMAN na comédia «A MENINA DA SORTE».



A MANIFESTAÇÃO NACIONAL A SALAZAR FOI FIXADA PELO CINEMA

Para lançar um boato, para inventar uma perfídia, uma «piada» — basta uma pessoa.

Para levar a efeito a manifestação de que foi alvo, na segunda-feira passada, S. Ex.ª o Presidente do Conselho, sr. Doutor Oliveira Salazar, — é necessária uma nação.

Mas não serve qualquer nação. É indispensável que a nação que promove tão alto e unânime preito de homenagem ao seu Chefe seja uma nação com a plena consciência de si própria, da sua coesão, da sua inviolabilidade, da sua fôrça.

Fôrça moral, acumulada em poucos mas fecundos anos de trabalho, de paz interior, de prestígio externo, de boas contas e de bom govêrno.

Quem viu o espectáculo maravilhoso de quási meio milhão de pessoas enchendo como um ovo a maior praça pública da Europa, afluindo para ela por cinco caminhos diferentes, inundando como um rio sôfrego tôdas as ruas da Baixa — não pode duvidar mais da hora excepcional que Portugal atravessa, hora da sua Redenção e do seu Reencontro.

«Quando Salazar faz anos, Portugal está de parabens».

Êste felicíssimo estribilho consegue exprimir mais claramente que outro qualquer a identidade perfeita que existe entre Salazar e o nosso povo, que é o seu, tal como Salazar lhe pertence, pois dêle veio e para êle trabalha sem descanso.

Não nos cabe a nós, nem mesmo ao nosso orgulho de portugueses e de partidários leais, evocar a Manifestação Nacional de 28 de Abril sob outro aspecto que não seja o seu aspecto cinematográfico. A sentença de Apeles — «Não suba o sapateiro além da chinela...» — impressionou-nos em meninos a ponto de sempre nos havermos guiado por ela. Jornalistas de cinema, só de cinema nos arroubamos o direito de falar, neste jornal cinéfilo.

E acontece que estamos em excelentes condições para fazê-lo, pois o Cinema Nacional mais uma vez cumpriu o seu dever. Quatro aparelhos grandes e outros tantos aparelhos portáteis multiplicaram-se, nas mãos de operadores autênticos e improvisados, focando os aspectos mais significativos da Manifestação, em Lisboa e no Pôrto. Dois aparelhos de registo de som fixaram os discursos, os vivas, o clamor vibrantíssimo daquela multidão entusiasmada, o Hino Nacional, cantado entre o estoirar festivo dos morteiros, com lágrimas de exaltação nos olhos e a mais ardente fé nos corações. Fixaram, sobretudo, palavra por palavra, o discurso de Salazar, aquelas palavras de confiança que a sua bôca proferiu, e de que estiveram presos milhões e milhões de portugueses, ouvindo-o directamente ou através da rádio. E essas palavras como que desanuviaram milagrosamente a atmosfera chuvosa, pela sua serenidade e firmeza, pela irradiação que lhes comunicou a consciência dêsse grande Homem de Bem, que sabe o que quere e para onde vai.

Homens, mulheres, crianças, novos e velhos, gente humilde e gente soberba, todos se igualaram durante aqueles breves minutos, que valeram séculos, escutando disciplinadamente a palavra de ordem, acatando-a com respeito e dispondo-se intimamente a cumpri-la, através de tudo, — contra tudo se preciso fôr.

Às tele-objectivas não escapou, e todo o público pode vê-la e revê-la sempre que quiser, a expressão de contentamento de Salazar ao assomar à janela do Gabinete onde principiou a sua grande Obra. Não escapou aquêle gesto de mandar calar as aclamações do povo, para que o escutasse. Aquela prévia inspiração, em que o vemos encher os pulmões com o ar límpido do Tejo, imagem de raríssima beleza, impressionante.

Também impressiona a disciplina, a ordem da multidão. Não se vê um empurrão, um solavanco. Vêem-se mulheres com os filhos ao colo perdidas naquele mar de gente, onde não cabe um alfinete, mas onde o petiz nunca está em risco de ser esmagado pela turba. Não se vê ninguém precipitar-se, «furar», fazer das suas... Não, foi necessária uma única intervenção autoritária para que cada um estivesse no seu lugar, ou acedesse a êle, ou destroçasse. Já lá vai, graças a Deus, o tempo do «peixe-espada» e do «chanfalho», em que nada se fazia na rua que não metesse a cavalaria da Guarda Republicana. No dia 28, a G. N. R. só mandou o seu contingente mais pacífico: a banda, admirável como sempre.

Que diferença, entre a Manifestação Nacional de segunda-feira e os antigos comícios de bengalão, exclusivamente compostos por cavalheiros de bigode e pêra!... Essa diferença, o Cinema torna-a evidente aos olhos de todos, dentro e fora de Portugal. O seu mágico poder de recolher imagens autênticas, torna-o colaborador precioso da História.

Senhores historiadores: não será esta a altura de acrescentar a cinematografia à longa lista das vossas ciências auxiliares? Ou têm qualquer dúvida de que ela, sendo cuidada como convém, possa prestar-vos menos auxílio que a numismática, a paleografia, a diplomática ou a arquivística?...

Um documento como o que o Cinema conseguiu na semana passada — não tem preço. E é, sem dúvida, o mais fiel testemunho duma jornada inesquecível.

B. F.

PORQUE SE NÃO CONSTITUI UMA «TÔRRE DO TOMBO» com filmes de interêsse histórico?

A ideia lançada no artigo principal desta página — considerar a cinematografia uma nova ciência auxiliar da história — não pode morrer, não deve morrer. Supomos que ela contém em si o interêsse bastante para merecer das instâncias oficiais a atenção que sempre lhes merecem as coisas sérias. E, antes de mais nada, a atenção da Academia Nacional de História.

Pois bem: «Animatógrafo» está disposto a meter ombros a mais essa tarefa. E conta, para isso, com a compreensão e a boa vontade de tôda a gente, pois tal iniciativa não é de molde a despertar a oposição seja lá de quem fôr.

A ideia que hoje apresentamos é a seguinte: tratar de reünir todos os filmes curtos — actualidades, modas, documentários, reportagens, etc. — susceptíveis de contribuir para o estudo duma época: identificá-los, classificá-los cronològicamente, conservá-los em cofres especiais, estudados de forma a possuírem o máximo de condições para que os filmes se não deteriorem.

Essa missão incumbe naturalmente ao Govêrno e à Academia Nacional de História.

Assim como se guardam nas bibliotecas todos os livros, todos os jornais, sem curar dos seus méritos, usando de precauções idênticas, ou semelhantes, para salvar da traça a primeira edição dos «Lusíadas» e as últimas baboseiras dum literatelho, parece-nos justo que idêntico princípio e esfôrço se apliquem à salvaguarda dos preciosos documentos vivos onde se guardam as atitudes, a voz, as características, os episódios biográficos dos grandes homens. O Secretariado da Propaganda Nacional, a SPAC, a Lisboa Filme, a Ulyssea Filme, a Companhia Cinematográfica de Portugal, outras firmas e alguns particulares possuem muitos filmes que fariam óptima figura numa «Tôrre do Tombo» cinematográfica. Para não falarmos senão dos mais recentes, não lhes parece intuïtivo que se consigne no orçamento uma verba especial para que as Festas do Duplo Centenário, filmadas integralmente pela SPAC, não sofram a acção destruïdora do tempo? E que dizer do filme, projectado no espectáculo do Clube, com a proclamação de Sidónio Pais?... E o da chegada apoteótica de Coutinho e Cabral?... E o entêrro de D. Manuel II?... E as duas Viagens Presidenciais do General Carmona às províncias de África?... E êsse maravilhoso documento obtido pela SPAC sôbre a Manifestação Nacional a Salazar?...

Temos a certeza de que esta ideia não caïrá em saco rôto.

NOTÍCIAS DA EUROPA

ALEMANHA

Os novos filmes da TOBIS, de Berlim, focam personagens históricas

A produção cinematográfica alemã gira hoje, pràticamente à volta de duas grandes emprêsas em que o Estado tem decidida interferência, quer no que respeita o ponto de vista de doutrina política, quer no que se refere à parte financeira — a U. F. A. e a Tobis.

Em ambas, duas personalidades de maior evidência no cinema germânico exercem além das suas ocupações próprias dentro da indústria, funções de elevada responsabilidade, pois elas são como que os delegados, junto dessas emprêsas, do Ministério da Propaganda, por intermédio da Câmara Alemã do Filme — o produtor Carl Froelich na UFA, e o grande Emil Jannings, o poderoso intérprete de tantos filmes notáveis, na Tobis.

Da actualidade da emprêsa de Neubabelsberg já em anteriores Páginas da Europa demos desenvolvidos esclarecimentos. Por isso resolvemos hoje ocupar-nos da produção actual da Tobis, de cujos filmes, em realização ou há pouco concluídos, vamos dar informação.

Um dos filmes de maior envergadura da produção da Tobis é, sem dúvida, aquele em que é focada a personalidade de Kruger, cuja acção, durante a guerra dos boers, nos primeiros anos do nosso século, foi dos mais importantes e das de maior projecção histórica. Intitula-se «Ohm Kruger», dirigindo-o o veterano Hans Steinhoff. Emil Jannings, numa caracterização flagrante, vive a figura de Kruger, o primeiro presidente da República Sul-Africana. Ferdinand Marian é Cecil Rhodes, Hedwig Wangel a Raínha Vitória e Lucie Höflich, a mulher de Kruger. Aparecem ainda Max Gulstorff, Fritz Hoops e Otto Wernicke.

Mais uma vez — a sexta depois de «Barberina» em 1919, de «Frederich Rex» em 1921, de «Elder Fritz» em 1926, do «Concerto Real de Sans-Souci» em 1930 e da «Dançarina de Sans-Souci» em 1932 — Otto Gebuhr vai ser Frederico II no novo filme da Tobis, agora em realização «Der grosse König», um filme cuja acção decorre em ambientes de grande luxo e esplendor, e onde as côrtes de França e da Alemanha serão reconstituídas. Nele aparecem ainda Gustav Froelich, que chegou a ser um dos artistas alemães mais populares no nosso país, Lola Müthel (a Pompadour), Jacob Tradke, a linda Kristina Söderbaum, Otto Wernicke, Paul Henckels, Ernst F. Furbringer (Luiz XV), etc..

Paul Hartman, no protagonista, a sempre bela Lil Dagover, Gunther Hadant no general Moethe, Friedrich Kaissler e Maria Koppenhoffer são os principais intérpretes do filme que Wolfgang Liebeneiner acaba de realizar com o título de «Bismarck», uma biografia cinematográfica do chanceler de Ferro.



Emil Jannings na sua flagrante caracterização de Ohm Kruger, no filme do mesmo título

ESPANHA

O cinema espanhol está em plena efervescência

O cinema espanhol continua desenvolvendo-se num ritmo verdadeiramente invejável, encontrando-se tanto os estúdios de Madrid como os de Barcelona em pleno funcionamento sem um momento de paragem, seguindo-se os filmes uns após outros.

Dois exemplos são prova mais que concludente dêsse movimento que agita hoje o cinema espanhol. O primeiro refere-se aos pedidos de autorização de filmagem submetidos ao Departamento Nacional de Cinematografia, a que a competência e o espírito esclarecido do nosso querido amigo Garcia Viñolas preside. Assim por informações dimanadas daquele importante organismo, sabe-se que durante o mês de Março foram concedidas vinte e oito autorizações de realização de filmes, dos quais cinco são películas de grande metragem: «Su hermano y el» de Cifêsa, «Sol de Valencia» do produtor Júlio Elias, «Alma de Dios» de Aureliano Campa, «Por un amor» de Gutierrez Torrez e «Chotis» do veterano Serafim Ballesteros.

Destas cinco estão já em realização a última, quási concluída, e «Su hermano y él».

O outro sintoma do desenvolvimento actual do cinema de Espanha, é-nos dado pela recente inauguração dum novo estúdio, o de Chamartin, que fica sendo o melhor e o mais bem apetrechado de Espanha.

Construído segundo as mais recentes aquisições no campo dos conhecimentos técnicos especializados as suas instalações são notáveis, quer pelo que diz respeito ao equipamento técnico, quer à comodidade e ao quási luxo das suas dependências, desde as salas de projecção ao restaurante, e aos invejáveis camarins para os artistas.

Assim, aos estúdios Roptence, Ballesteros, C. E. A., Orphea, Lepanto, Kinefon, Trilla Orphea, vêem agora juntar-se os de Chamartin, novo baluarte da mais alta importância para o desenvolvimento do cinema espanhol.

FRANÇA

Produzem-se filmes de desenhos animados de artistas franceses

Conquanto tivesse sido um europeu, o francês Emile Cohl, quem pela primeira vez realizou filmes de desenhos animados, por volta de 1907, o que é certo é que no velho continente êsse género difícil e ingrato nunca teve, a bem dizer, cultores entusiásticos. Na verdade, excepção feita aos russos, que de 1927 a 1934 realizaram alguns filmes, todos êles desenhados ora por Vano, ora por Cherkes de colaboração com outros desenhadores, e do italiano Luigi de Vecchi que em 1935. muito antes de Disney, se serviu do herói de Collodi ao fazer «Le Avventure di Pinocchio», mais nenhum outro de interêsse, que nos lembre, saíu do engenho e das mãos dum europeu.

Segundo, porém, notícias recentes vindas a lume em França, sabe-se que vários artistas se estão interessando pelo desenho animado. Alguns filmes mesmo tem sido já apresentados e outros ocupam a actividade de alguns «ateliers».

À frente de todos, pela sua operosidade e o seu entusiasmo, é justo colocar o jovem Pierre Bourgeon a quem se devem já «Perrette et le Pot au Lait», o seu primeiro filme cujos duzentos e cinqüenta metros lhe ocuparam cêrca de dez meses de trabalho! A êste outros se lhe seguiram como «La Decouverte de l'Amerique», «Le Petit Fromage de Hollande» e «Coccinelles-Ville» já um filme absolutamente «reussi».

Bourgeon acaba de anunciar que vai agora trabalhar em maior escala, podendo ter prontos no próximo ano seis desenhos. Além de filmes com «vedetas» desenhadas, como por exemplo a sua galinha Dorotéa, o animador francês conta realizar desenhos animados de carácter literário, ilustrando certos poemas ou contos de escritores célebres do seu país.

Também os irmãos Giaume, Jean e Alex, depois de um período longo de estudos se encontram hoje magnìficamente equipados para tal género de filmes, no seu estúdio de Villefranche sur Mer.

Para muito breve anunciaram já a estreia dum desenho de ambiente marselhês «Marius et Olive» tendo iniciado já os trabalhos preliminares dum novo filme com aqueles personagens. Igualmente tem já concluído um outro desenho de aspecto completamente diferente, realizado sôbre a música da «Dança Macabra», de Saint-Saens.

Na esteira dêstes três artistas estão já Dubout, êsse espantoso caricaturista, dos mais pessoais que a França hoje possue, e Jean Effel, que está prestes a iniciar os trabalhos do seu primeiro filme feito sôbre um «scenario» seu, que se intitula «Gants-la Musique».

Oxalá a Europa possa, se não ombrear, pelo menos não se envergonhar em frente dos seus temíveis concorrentes de Além--Atlântico.



TYRONE POWER

Faltava-lhes, com certeza, êste retrato no álbum. Guardem-no, portanto, para conservarem a mais recente fotografia do famoso galã da Fox - Filmes

NOTICIAS DE HOLLYWOOD

Norma Shearer e Clark Gable são os protagonistas da nova versão de «CIMARRON» para a M.-G.-M.

A epopeia do oeste americano, o esfôrço ingente e glorioso da conquista e civilização das terras americanas da costa do Pacífico, a acção prodigiosa dos pioneiros de 1830, construindo, com o seu entusiasmo e com o seu sangue os alicerces duma das mais vastas e ricas regiões dos Estados Unidos deu ao Cinema, a par dum grupo numeroso de filmes de maior ou menor importância, origem a duas autênticas obras-primas que com merecida justiça se devem colocar entre as mais representativas obras de entre as que aparelharam em quarenta e cinco anos de Cinema. Queremos referir-nos ao inesquecível «The Covered Wagon», essa portentosa película que James Cruze, um nome hoje infelizmente esquecido dirigiu com um vigor, uma amplidão, uma «fuga» estraordinárias, e que Jack Warren Kerrigan e Lois Wilson tão bem interpretaram.

Dela se não devem ter esquecido ainda os freqüentadores da primeira hora do Tivoli, por cujo «écran» correu com o título de «O Carro Coberto».

O outro filme, realizado sete anos mais tarde, quando o Cinema sonoro saía já dos primeiros passos vacilantes e entrava, afoitamente, no seu justo caminho, teve por título «Cimarron» e foi extraído dum romance da notável escritora Edna Ferber, de cujas obras o Cinema tem tido farta oportunidade de se aproveitar. Dirigiu-o Wesley Ruggles, interpretando-o Richard Dix, e uma estreante que viria a ser, depois, um dos nomes mais festejados e representativos do Cinema — Irene Dunne. Infelizmente, por razões que não conseguimos perceber, êsse filme de excepção ficou ausente dos écrans portugueses.

Pois bem, uma notícia agora nos chega — a Metro Goldwyn Mayer, tendo adquirido à RKO-Radio os respectivos direitos de adaptação cinematográfica, vai por sua vez, produzir uma nova versão, agora em Technicolor, de *Cimarron*.

Para seus protagonistas, nos papéis de Yancey e Sabra Cravatt, que Dix e Dunne viveram pela primeira vez, foram escolhidas duas das mais altas figuras do elenco daquela emprêsa: Clark Gable e Norma Shearer.

Até êste momento não se sabe ao certo qual será o director responsável por um filme de tão grande envergadura, falando-se no entanto em dois nomes, o de Clarence Brown e o do realizador de «Gone with the wind», Victor Flemming.



Clark Gable e Norma Shearer já tinham trabalhado juntos em «Idiot Delight», como devem lembrar-se

FIRTZ LANG assinou um contrato exclusivo com a Fox e vai dirigir «MAN HUNT» com WALTER PIDGEON e JOAN BENNETT

Fritz Lang, depois de um período de certa exitação, marcado pelos seus primeiros tempos de trabalho nos Estados Unidos, tem hoje no Cinema americano uma situação absolutamente definida e assente, graças ao êxito que os seus dois últimos filmes — «O Regresso de Frank James» e «Western Union» — lograram alcançar.

De tal forma, que acaba de assinar com a 20th Century-Fox um contrato de longa duração, passando a fazer parte da escassa meia dúzia de realizadores trabalhando exclusivamente para a emprêsa de Joseph Schenck e Darryl Zanuck.

Como primeiro trabalho dêsse seu contrato está já o realizador de «Metropolis» dirigindo o filme *Man Hunt*, de que são intérpretes Walter Pidgeon, cedido pela M. G. M., Joan Bennett, George Sanders, John Carradine, Roddy Mac Dowall e Ludwig Stoessel. A fotografia do filme é do operador Arthur Miller.

FITAS NA FORJA

- *SUN VALLEY, com Sonja Henie, John Payne, Milton Berle, Joan Davis, Glenn Miller e a sua orquestra, Lynn Bari e os negros Nicholas Brothers. Realização de Bruce Humberstone. Fotografia de Edward Cronjager. Fox.*
- *THE GREAT MAN'S LADY, com Barbara Stanwick, Joel Mac Crea, Brian Donlewy, Kathryn Stevens, Lloyd Corrigan e Clarence Kolb. Dirigida por William A. Willman. Fotografia de William Mellor. Paramount.*
- *MY LIFE WITH CAROLINE, com Ronald Colman, Anna Lee, Katharine Leslie, Reginald Gardnier, Charles Winninger, Gilbert Roland, Murray Alper e Matt Moore. Realizada por Lewis Milestone. Fotografia de Victor Milner. RKO-Rádio Filmes.*
- *MEN OF TIMBERLANDS, com Richard Arlen, Andy Devine, William Robertson, Francis Mac Donald, Hardie Albright, Paul E. Burns, Roy Harris e Gaylord Pendleton. Realização de Jack Rawlins. Fotografia de John Boyle. Universal. (Filmes Alcântara).*

O NOVO FILME DE BABBY SANDERS

Baby Sandy, que já esta época vimos ao lado de Bing Crosby em «Caído do Céu» e de Mischa Auer em «O Pai da Criança» está agora interpretando para a Universal, a companhia que tem a felicidade de possuir o seu contrato um novo filme que se intitula *Sandy Steps Out*, qualquer coisa como «Sandy raspou-se de casa». Cinco actores cómicos rodeiam Sandy nas suas diabruras: Edward Everett Horton, Raymond Walburn, Bert Roach, Jed Prouty e Franklin Pangborn.

Um novo filme sôbre Hollywood: «WORLD PREMIÉRE» com Rudy Vallée e John Barrymore

Desde «Hollywood», de James Cruze, com Richard Dix e tôda a «troupe» da Goldwyn da época, até «Assim Nasceu o Cinema», porventura uma das mais curiosas e realistas biografias do Cinema americano, passando por «Show People (Miragens), de King Vidor com Marion Davies, que o Royal há anos exibiu, por «What Price Hollywood», com Constance Bennett, que passou a mêdo na tela do Olímpia, por «Doido pelo Cinema», uma das mais felizes comédias de Harold Lloyd da última fase, em que nos revelava uma actriz excepcional — Constance Cummings — e por essa fulgente «Nasceu uma Estrêla», vários, como se vê, têm sido os filmes que têm tido por fundo Hollywood e a sua gente.

Agora a Paramount vai contribuir para aumentar a lista. De facto, a Sociedade de Marathon Street, por intermédio do produtor Sol C. Siegel, vai dar início à realização dum novo filme com o Cinema hollywoodense por argumento. Intitula-se êle *World Première*, estando a realização dessa película, de ambiente de pura comédia, confiada a Otis Garrett.

Os principais intérpretes de «Primeira Mundial» são Rudy Vallée, popularíssimo actor e condutor de orquestra de Jazz, a quem se deve a descoberta de Alice Faye, no papel dum galã tipo de Cinema, e Jonh Barrymore, no dum produtor .

Como devem estar lembrados não é esta a primeira vez que Barrimore vive a figura dum personagem de Cinema.

«A BATALHA DO OIRO»

Breves apontamentos sôbre uma notável super-produção technicolorida que conta um drama de amôr intenso e impregnado de romantismo

Como «Animatógrafo» já informou, vamos ver brevemente a super produção em technicolor «A Batalha do Oiro», que Michael Curtiz dirigiu com superior inteligência e bom gôsto, dando uma encenação luxuosíssima, impecável.

O filme reconduz-nos a 1877, à zona da Califórnia onde os pesquizadores de oiro se instalaram na ânsia de ganhar a vida e de enriquecer. Este fundo histórico constitui: apenas o «background», o pano de fundo duma dramática história de amor cheia de inquietação, de desejos, de sonhos, de Dor, que é o verdadeiro assunto, o grande «leit-motiv» do filme.

O «cast» inclui George Brent, Olivia de Havilland, Claude Rains, John Litel e Margaret Lindsay, sem falar noutros actores de envergadura como Barton Mc Lane.

Extraído duma novela de Clements Ripley, «Gold is where you find it», muito conhecida e divulgada nos Estados Unidos, o filme tentou a Cosmopolitan que decidiu produzir tão notável obra, rodeando-a de mil carinhos e cuidados, e destinando-lhe um orçamento de muitos milhares de dólares. E, para que o filme igualasse ou excedesse o livro, conservando o pitoresco e o colorido dos descritivos de Ripley, determinou-se que a filmagem fôsse em technicolor tricromo, executada na famosa e caríssima aparelhagem «Multiplane» (que nos dá a sensação de volume) e que Walt Disney foi primeiro a utilizar em «Branca de Neve e os Sete Anões».



Um formosíssimo cenário da «Batalha do Oiro»

«A Batalha do Oiro», um dos filmes mais categorizados da temporada, será apresentado pela S. I. F. na terça-feira, no cinema Trindade, do Pôrto.

Brevemente, teremos esta maravilha cinematográfica na tela dos salões da capital.



O célebre «maquilleur» Tony Willard foi contratado para caracterizar de pescadores os pescadores autênticos que vão figurar no filme «Ala Arriba», visto ter-se verificado que êles não têm expressões de lobos do mar.

—— Além daquele filme sôbre o mar vai produzir-se outra fita que tem como ambiente o mar. Alguns amadores entusiastas do cinema estão igualmente a realizar um filme com o mar por fundo. A continuar assim daqui por algum tempo já não há mar que chegue para tanta fita.

— O filme «Balalaika» que estava ha nove semanas em exibição no Eden Theatre foi retirado do cartaz, não por falta de público para a décima semana mas porque o tenor Nelson Eddy teve um abaixamento de voz. Até à data nenhum distribuidor e exibidor se informou do estado de saúde daquele tenor.

O HOMEM SOMBRA

Maria da Graça

vai enviar fotografias

Publicamos hoje, na «Página dos Novos», um artigo em que se faz notar a necessidade que as nossas artistas de cinema têm de possuir fotografias. O autor do artigo — um leitor — interpreta assim a opinião de todos os leitores, de todos os cinéfilos — de todo o público que deseja possuir um retrato da sua vedeta preferida. Ora, dava-se o caso de que Maria da Graça, protagonista de «Pôrto de Abrigo», recebeu — e continua a receber — por intermédio de «Animatógrafo», numerosas cartas de admiradores que lhe pedem fotografias autografadas. Maria da Graça, porém, recebia e não respondia — o que se tornava estranho para quem não anda no segrêdo dos deuses. Leitores havia que preguntavam se a insinuante estrelinha não lhes atendia o pedido. Outros julgavam ver na atitude de Maria da Graça uma renúncia à carreira que tão auspiciosamente iniciára.

A verdade, porém, é que a jovem actriz nunca pensou em deixar de responder, em não enviar fotos a quem lhas pedisse. E assim, damos hoje a grata notícia de que Maria da Graça vai atender os pedidos recebidos.

Dentro de pouco tempo, Maria da Graça começará a enviar, através de Portugal, as suas primeiras fotografias autografadas.

CARTAS DUM CINÉFILO

Dinâmico director:

Pedia-lhe que me respondesse particularmente a esta carta pois tenho urgência em resolver o problema que lhe vou apresentar, que é o seguinte: Comecei a escrever o argumento para um filme, por sinal uma idéia muito original. Um rapaz e uma rapariga amam-se doidamente mas o pai da rapariga é um tirano bestial e não quere, segundo consta, que a filha case. Está vendo o drama formidável que isto pode dar? Acontece porém que a história do filme principia precisamente quando o rapaz cheio de coragem vai pedir a pequena em casamento ao pai. Compreende a minha intenção. O pai diz que não e aqui segue tôda a história do filme, com os amores contrariados. Mas no meu argumento aconteceu o imprevisto. O rapaz foi ao pai, pediu a filha em casamento e vai o pai disse que sim, que até levava muito em gôsto. Estou aflito porque me falta assunto para o resto da fita. Peço-lhe, portanto, uma resposta rápida pois quero ir levar o argumento à «Tobis Portuguesa» da qual eu sou accionista, pois ainda não consegui vender a acção, e consta-me que o director daquela firma quere produzir mais fitas.

Fui ver o «Correspondente de Guerra». Grande fita e grandes jornalistas. Eu que também sou jornalista correspondente, pois escrevo cartas, gostava de ter uma aventura assim. Porque é que o senhor director não me manda até à «Tobis Portuguesa» fazer uma reportagem muito sensacional? Não me havia de ser difícil pois tenho facilidades em lá entrar, visto que ainda sou accionista.

Adeus meu querido mestre e até breve.

Ignácio da Purificação

P. S. — Tive agora uma ideia: não quererá o senhor comprar-me a acção?

I. da P.

A FEIRA DAS FITAS

«CORRESPONDENTE DE GUERRA»

(Foreign Correspondent)

Alfred Hitchcock atravessou o Atlântico com o pé direito. É impossível que não se sinta satisfeito com êste seu primeiro ano de Hollywood; mesmo descontando «O Sr. e a Sr.ª Smith», o seu «activo» soma um valor importante, graças a «Rebecca» e a êste «Correspondente de Guerra» agora apresentado em Lisboa.

Trata-se de um filme do género em que Hitchcock é especialista, e de certo por isso mesmo «Correspondente de Guerra» surge como a sua obra mais representativa, ao lado de «Os 39 degraus», com o qual tem evidentes pontos de contacto. «Os 39 degraus», porém, assentava em base mais sólida: a novela célebre de John Buchan, composta com os mesmos ingredientes que agora serviram para efabular o argumento dêste filme, mas temperado com outra mestria, cozinhado com outra segurança, com verdadeiro virtuosismo. As histórias de espionagem, especialmente quando concebidas e arquitectadas em íntima ligação com acontecimentos reais e recentes, precisam de possuir o máximo de credibilidade, isto é, de «aderir» o mais possível à realidade. A ficção, como é sabido, tem de ser mais verosímil que a própria vida.

Hitchcok, porém, impõe a novela folhetinesca do argumento com mão de mestre. A sua realização, em que foi assistido pela altíssima competência de William Cameron Menzies, deve considerar-se excepcional. Hitchcock sabe criar, talvez como nenhum outro realizador depois de Fritz Lang — do Fritz Lang dos «Espiões», do «Matou!» e do «Testamento do Dr. Mabuse» — Hitchcock sabe criar, dizia, a espectativa que arrepela os nervos das platéias. Por isso lhe chamam em Hollywood *«master of suspense»*. «Os 38 degraus» oferecia belos aspectos dessa espectativa angustiante; na «Rebecca» o mesmo se pôde também verificar; e agora, no «Correspondente», Hitchcock volta a alardear a mesma habilidade, por forma dominadora.

Quási tôdas as cenas do filme foram «construídas» com o melhor sentido cinematográfico — «construídas» no papel (ao ser planificado o argumento), no estúdio (pela forma como foram dirigidas as filmagens), e na montagem, que é verdadeiramente magistral. Os apontamentos humorísticos são também do melhor quilate (o discurso de Carol no almôço da associação pacifista, o homem que não consegue atravessar a rua, por causa dos sucessivos automóveis, etc). Há, no entanto, que apontar algumas insistências escusadas, algumas cenas um tanto arrastadas. Vê-se que o produtor Walter Wanger não soube prestar a Hitchcock a mesma assistência que D. O. Selznick lhe assegurou na «Rebecca»...

Tôda a técnica é excelente, graças, decerto, em primeiro lugar à intervenção de W. C. Menzies, a quem cabem as honras da maravilhosa, impressionante realização do naufrágio do «Clipper». Mas há que citar também Rudy Maté pela fotografia, Alexander Golitzen pelas decorações, Alfred Newman pelo acompanhamento musical e Otho Lovering, Dorothy Spencer e Louis Leffler pela montagem. Pena é que tais primores se gastassem com as infantilidades e os artifícios que inferiorizam o argumento, em grande parte, certamente, pelo desejo de fazer determinada propaganda. Na cena final, o protagonista lança duma emissora londrina, durante um bombardeamento, um apêlo aos Estados Unidos «para que conserve as luzes acesas», dizendo ser êsse o único país que as tem ainda acesas. O rapaz esqueceu-se de Portugal — e tanto na hipótese das suas palavras terem sentido figurado...

É ainda de notar que o filme, ao contrário do que se pretendeu fazer crer, não constitui a «glorificação» dos correspondentes de guerra; as aventuras do herói são demasiado fantasistas para que a obra pudesse ter êsse carácter. Isso não deminui, aliás, as grandes condições comerciais do filme, como é óbvio.

Nos principais papéis aparecem Joel Mc Crea, Laraine Day, George Sanders, Albert Basserman, Herbert Marshall, Robert Ciannelli e Harry Davenport. Todos se portaram com a costumada naturalidade e o habitual á-vontade. — D. M.

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que neles merece atenção especial

«CORRESPONDENTE DE GUERRA» (Sonoro Filme)
— A realização de ALFRED HITCHCOCK.
— Os truques de CAMERON MENZIES e RAY BINGER, especialmente no naufrágio do «Clipper».
— A montagem, de OTHO LOVERING, DOROTHY SPENCER e LOUIS LEFFLER.
— As decorações de ALEXANDER GOLITZEN e a fotografia de RUDOLF MATÉ.

«DATA MEMORÁVEL» (Filmes Alcântara)
— A frescura e a voz de DEANNA DURBIN.
— A distinção de KAY FRANCIS (A mãe de Deanna).
— A naturalidade de SZÖKE SZAKALL (O autor).

«PEÇO A PALAVRA!» (Aliança Filmes)
— Por ter atingido a 4.ª SEMANA no Politeama.

«DATA MEMORÁVEL»

(It's a Date)

As meninas-prodígio têm um grave inconveniente, tal como os meninos-prodígio: crescem. Mary Osborne, Jackie Coogan, Shirley Temple — para só falar dos mais famosos — cresceram inconvenientemente. O mesmo sucederá — ai de nós! — a Gloria Jean, a Janet Chapman... O mesmo sucedeu a Deanna Durbin e está sucedendo a Judy Garland. Mas Deanna tem a sorte de possuir um produtor muito inteligente: Joe Pasternak. E Pasternak tem sabido acompanhar o crescimento inevitável da deliciosa Pen das «Três Raparigas Modernas» com argumentos sempre apropriados à sua idade real.

Isto é: em vez de contrariar a marcha natural das coisas, obedece à lei fatal da biologia, e prefere arranjar personagens novas que se vão adaptando sucessivamente ao físico e à índole da sua pupila.

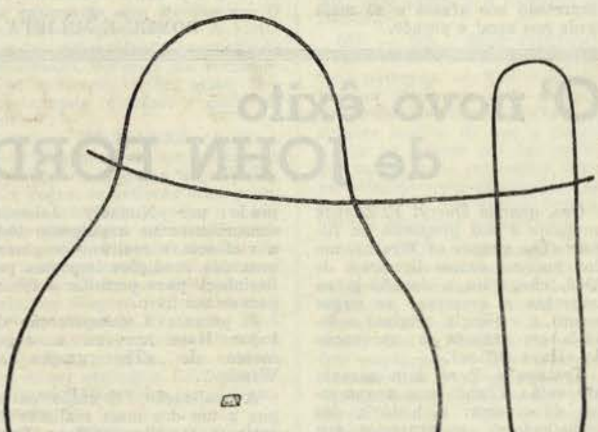
O resultado é desde logo muito melhor que o que resultaria da marcação sistemática de passo numa personagem tipo-único, à maneira do que se fez com Mary Pickford e, mais recentemente, com Shirley Temple.

Em «Data Memorável», Deanna evidencia, a par das suas já sabidas qualidades de cantora, indiscutíveis aptidões de actriz. O conflito baseia-se na rivalidade de amável duma actriz que envelhece — deliciosamente, aliás, visto tratar-se de Kay Francis! — e duma actriz que desponta, e que é, para aumentar o activo das situações dramáticas, filha da primeira. Essa rivalidade artística complica-se com a rivalidade amorosa. Mas o argumentista teve o tacto de, nesse particular, resolver as coisas a favor da mulher feita, reservando-lhe a justa compensação do amor, ao passo que à rapariga toca o quinhão da glória.

Parece-nos justo, e sabemos ser isso conforme às mais confirmadas leis da vida.

As cenas a bordo do paquete são deliciosas. O falso passageiro clandestino é um autêntico achado. A realização é seguríssima e a interpretação do quilate habitual. — A. L. R.

«BUCHA» e «ESTICA»



numa curiosa interpretação de TEIXEIRA CABRAL

A PÁGINA DOS NOVOS

DOCUMENTÁRIOS

Quando há tempos vimos, juntamente com «Pôrto de Abrigo», a produção «Maov» «Famalicão», pensámos como Portugal poderia fazer esplêndidos documentários, se existisse uma produção contínua de filmes de pequena metragem. Realmente, «Famalicão» não é um documentário perfeito; mas que diferença, que enormíssima diferença faz, daqueles negregados 100 metros, cuja recordação se vai apagando, felizmente, nas nossas memórias.

Manuel de Oliveira, autor de «Famalicão», foi, como devem estar lembrados, o feliz realizador de «Douro, Faina fluvial», um dos melhores documentários que até hoje se tem feito no nosso país.

Mais tarde produziu «Miramar, Praia das Rosas» com belíssimas cenas daquela praia nortenha, e «Em Portugal já se fazem automóveis, curioso documento da fabricação de carros «Edford», dois documentários que o esplêndido locutor Fernando Pessa comentava com o seu habitual espírito e à-vontade.

«Famalicão», é, talvez um pouco inferior aqueles a que atrás nos referimos. Certos movimentos da câmara são incertos, há momentos menos felizes, outros um pouco repetidos, mas, a par disto, outras cenas muitíssimo boas, fazem de «Famalicão» um documentário aceitável, mesmo para os mais exigentes.

E talvez o último filme «Maov» fôsse melhor, se em Portugal se não fizesse um documentário sòmente de vez em quando, e sim uns dez ou onze, pelo menos, cada ano.

Esta falta de continuidade é, afinal, a mesma que prejudica a produção de filmes nacionais de grande metragem. É preciso que tôda, mas tôda a gente se compenetre de que o maior embaraço para a produção de boas películas portuguesas é a falta de continuidade.

Sem ela, como se poderão corrigir ràpidamente êrros passados, como se poderá progredir artística e tècnicamente?

E já que falámos de documentários ocorre-nos preguntar qual o motivo porque a Tobis actualmente não faz documentários. De princípio produziu alguns bastante interessantes como «Sifões do Alviela» e outros.

Seria interessante tentar entre nós, à semelhança do que se fez com a Orquestra Aldrabófona, a produção de pequenos filmes, sòmente de entretenimento. Passam nos nossos écrans, cada ano, tantas dezenas de documentários estrangeiros, que os falados em português teriam êxito certamente. E ousamos até propor alguns nomes, ao acaso, que, em nossa opinião ,poderíam agradar ao público: Óscar de Lemos, Virgínia Soler, Barroso Lopes, o conjunto «Excêntricos do Ritmo», da direcção de Nuno da Cunha Gonçalves, a actriz Maria Luiza em filmes de «music-hall», filmes que poderiam ser apresentados por Antero Faro, Maria Brandão, o «Quarteto Vocal Folclórico», Guilherme Kjolner, a «Orquestra Portuguesa de Variedades», Daniel Martins, etc., etc.

Entretanto, esperemos que, como há-de acontecer com os filmes de grande metragem, um dia haja uma produção senão grande de pelo menos regular de documentários portugueses. Será um passo em frente na Cinematografia portuguesa e na propaganda da nossa terra.

OUBLI

As minhas deusas

Todos nós temos o direito de preferir esta ou aquela artista-mulher que, pelas impecáveis linhas do seu corpo, ou pela profundidade estonteante do seu olhar, nos atrai para os cinemas onde se exibem os seus filmes.

Sou «cinéfilo» como qualquer outro e, sôbre a minha secretária tenho três fotografias de artistas a quem chamo «as minhas deusas». É um capricho banal, um devaneio que muitas outras pessoas também podem ter. Deixá-lo adoro aquelas três mulheres tão diferentes na formosura e no talento porque desc)bri nelas um encanto raro que me fascina e torna pensativo.

Norma Shearer, uma canadiana adorável e de invulgar formosura, fez-me arquitectar coisas impossíveis.

Em «Romeu e Julieta», não consegui esconder a felicidade e a suprema alegria que me dava o facto de a poder admirar em tão formoso papel.

Ela tem — para mim — o tipo ideal da mulher e personifica o desejo inocente.

Greta Garbo, a sueca que suplanta tôdas as artistas pela sua Arte incomparável, é uma alma que se imortalizou com aquela sua frieza aparente, que à primeira impressão nos afasta e só mais tarde nos atrai e prende.

Como artista e como mulher ela é Divina, porém mais estranha que bela.

A sinceridade pura que brilha nos seus olhos e ressôa em cada palavra que pronuncia fica a ecoar lá muito ao longe, no infinito onde jàmais chegámos. Estará a sua peregrina beleza no seu profundo olhar? Não sei, só o que sei é que Greta Garbo é a tortura.

Hedy Lamarr — a minha terceira deusa — é duma beleza meridional, plástica, eloqüente. Os seus negros olhos, como dois carvões, transmitem-me uma sensação que nunca poderei esquecer e trazem até mim um perfume raro que se dissipa lentamente.

Hedy Lamarr é a tormenta.

ROMEU E JULIETA

O novo êxito de JOHN FORD

O ano de 1940 vai ficar gravado a letras de ouro no historial do cinema americano; três das maiores produções de todos os tempos foram apresentadas neste ano de desgraça para o Velho Mundo: Zanuck assombrou os americanos com «The grapes of Wrath», Selznick produziu o já celebérrimo «Levada pelo vento» e Disney desenhou a sua maior maravilha «Fantasia».

É sôbre o filme de Zanuck que vamos falar. Muitos profectizaram a decadência do cinema americano quando o cinema francês invadiu os mercados do Mundo com o realismo dos seus filmes. Para que, porém, os directores americanos seguissem as pègadas dos seus colegas europeus, tornava-se necessário que o «Hays Office» se tornasse mais benévolo. Êste departamento de censura é dirigido por Will Hays, conhecido pelo «Tzar de Hollywood», que visa o original dos filmes antes deles serem produzidos, o que não os inibe, no entanto, de serem proibidos depois de feitos, o que não sucede poucas vezes.

Ora, quando Darryl F. Zanuck anunciou o seu propósito de filmar «The grapes of Wrath», um dos maiores êxitos literários de 1939, chegaram a desafiá-lo na imprensa a conservar no argumento a violência original e levá-la em seguida à aprovação do «Hays Office».

Tratava o livro dum assunto até então «Tabú» nos argumentos de cinema: a história dos trabalhadores emigratórios que saem de Oklahoma com a promessa de melhores dias na Califórnia e depois se vêem reduzidos à miséria, tratados como escravos e acusados de comunismo e anarquia.

Os direitos de adaptação do livro de John Steinbek levaram a Zanuck o melhor de 70.000 dólares, soma que entra na história do cinema como a maior jamais paga a um autor. Adaptado por Nunnaly Johnson, conservou-se ao argumento tôda a violência e realismo originais, uma das condições impostas por Steinbeck para permitir a filmagem do seu livro.

E perante a estupefacção de todos, Hays aprovou o argumento de «The grapes of Wrath»...

A realização foi então entregue a um dos mais realistas directores americanos: John Ford, que, na escolha do seu elenco, voltou a demonstrar não lhe interessar a fama dum artista, mas sim o seu real talento.

E assim, só um nome consagrado aparece no cast: o grande Henry Fonda, ao lado da nova estrêla Davis Browdon, da veterana Jane Darwel, do simpático Charley Grappewin, etc....

ARMINDO BLANCO

As nossas estrêlas *precisam de fotografias*

As nossas estrêlas de cinema precisam de fotografias. Isto é uma afirmação que faço, baseado no seguinte: Não conheço, por exemplo, retrato algum de Maria Domingas que não seja os do seu filme «João Ratão»; nunca vi Luiza Melanie noutra pose além das do filme «Pão Nosso»; Tereza Casal, tirando estas últimas publicadas no «Animatógrafo» e referentes à sua viagem ao novo continente, sòmente nos apareceu através de imagens dos «Fidalgos» e do «João Ratão».

Entendo que as nossas estrêlas deviam ser fotografadas constantemente, em tôdas as posições, sentadas, deitadas, fazendo gimnástica, tomando banho, na praia, num jardim, lendo, passeando, rindo, enfim vivendo.

Assim se familiarizavam com a câmara fotográfica, e o público, por sua vez, ía-se habituando a vê-las e a senti-las mais naturais. Vejamos por exemplo o que acontece na América: quem não conhecia, pelo menos os antigos leitores de «Cine-Jornal», a Ellen Drew muito tempo antes dela nos aparecer em «Cautela com as mulheres»? E tôdas essas gaiatas, estrêlas modernas, não nos aparecem constantemente em infindas fotografias?

Ainda há pouco «Animatógrafo» apresentou na sua capa Ann Rutherford em tôda a sua beleza... com as barbas do pai Natal na mão. Para as nossas abro excepção a Maria da Graça, que graças ao «Animatógrafo» já nos apareceu, sorrindo, real, nas fotos da entrega das cartas... E como ela é linda aí! Mas a sua graça e beleza precisam de ser aproveitadas ao máximo para que ela não caia na obscuridade que traga as nossas estrêlas logo que fazem o primeiro e último filme.

É uma necessidade, pois, difundir fotografias das nossas vedetas, encher as páginas do «Animatógrafo», se preciso fôr, com os seus retratos, para que o público as fique conhecendo e esperando os nossos filmes com ansiedade.

PINOCCHIO

O Correio de Bel-Tenebroso

Pelo correio, pelo telefone, de viva voz, as perguntas chovem: «Quando aparece a resposta à minha carta?... «Quando é que o sr. Bel-Tenebroso se resolve a escrever-me?... «Já lá enviei seis cartas, e nada de resposta. Terei que esperar muito tempo??... O tom varia, com a sensibilidade da pessoa. Até leitoras que se supõem vítimas duma injustiça e outras que julgam que eu propositadamente lhes prego partida!...

E, no entanto, a razão porque as respostas tardam é bem simples: mais de 1.000 cartas (mil!) aguardam, numa «bicha» interminável, a sua altura de serem atendidas. A despeito de tôda a boa vontade do signatário desta secção e do Director de «Animatógrafo», a correspondência avoluma-se porque, todos os dias, em avalanche crescente, caiem catadupas de cartas sôbre a minha mesa.

O facto lisongeia-me por um lado, — e entristece-me por outro. Porque gostaria de ter a correspondência em dia, para não dar desgostos aos meus leitores...

No entanto, não há que desanimar. Tudo se remediará. Êste voto é, apenas, se assim quiserem, um apêlo à boa-vontade e à paciência dos que me escrevem.

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

653 — BENJAMINA *(Lisboa)*. — De facto, como V. diz, «já não posso viver sem o Correio!» E quere crer? Quando as leitoras ou leitores deixam de escrever por qualquer motivo, lanço, por telepatia, em tôdas as direcções, o brado silencioso de «calling all cartas... calling all cartas», e elas aparecem, pressurosas, como os soldados ao ouvir o toque de reünir. — Espero que tenha ido ver *Peço a Palavra!* Que me diz V. ao «mosquinha-morta» do Stewart?! A meu ver, o filme tem um «senão», que talvez seja uma qualidade: as analogias com *Doido com juízo*, que, em meu entender continua ainda a ser o filme n.º 1 de Capra. Neste, o protagonista é um provinciano que vem à cidade, para tomar posse duma herança. Em *Peço a palavra!* a diferença está em que não há herança, mas um lugar nos Senado. A luta do homem simples e bem intencionado, contra a cáfila que o rodeia, é comum aos dois filmes. Também a figura de Jean Arthur nas duas obras tem recorte idêntico. A princípio, ridiculariza o homem, que por pouco compromete e por quem acaba de se apaixonar. Em *Mr. Deeds goes to town*, a Imprensa troça de Cooper, a quem chama o «Cinderella Man». Em *Mr. Smith Goes to Washington* (veja também a analogia dos títulos), o herói é apresentado como «o assobiador público n.º 1». O Cooper tem a mania do trombone. O Stewart, a paixão das pombas. E a admiração pelo Capitólio é tão grande, num como noutro. Mas que filme assombroso é *Peço a Palavra!*

654 — UMA LOIRA MADEIRENSE *(Funchal)*. — Seria incapaz de me esquecer de *Uma loira Madeirense*. As cartas que atravessem o Oceano, para chegar até mim, tocam-me no coração. — *No Turbilhão de Paris* é uma graciosa comédia. Mas, no mesmo género, temos visto dezenas, muito superiores. O teu contraditor tem razão, porém, quando afirma que a América tem o segrêdo de produzir comédias, como nenhuma outra nação. Daí, a afirmarmos que as comédias são as únicas coisas boas que o cinema Americano nos dá, também não estou de acôrdo. É um exagêro, que a produção americana dia a dia desmente. — Transmito as tuas saudações a *Bob Taylor*, *Um louco sonhador* e, em especial, a *Exilado do Mondego*.

655 — MISS SÉCULO XX *(Lisboa)*. — Muito obrigado pelo jornal que me mandaste. Está muito bem apresentado e tem interêsse. Decifrei com facilidade o teu problema de «Palavras Cruzadas». — Aqui fica assinalado o pseudónimo que propões para *Um Rapaz de Alpiarça*: «Palmeirim de Inglaterra»: — Esta gentilíssima leitora acede a corresponder-se com *Conde Axel de Fersen da Suécia*, desde que êle seja o primeiro a escrever-lhe. Para tanto, deverás mandar-me, quanto antes, o teu nome e morada. — *Miss Século XX* gostaria também de cartear-se com *Benjamina*. O que diz *Benjamina?* — A história que me revelas, a propósito de *Ninotchka*, dir-se-ia um romance. Um romance vivido, aliás, tem ainda mais interêsse e mais sabor.

656 — ZÉ MANEL *(Lisboa)*. — Podes escrever em português a todos os artistas americanos. Em regra, os artistas mais populares e, portanto, aqueles que são mais assediados com pedidos de fotos, não os satisfazem a não ser contra o envio de 25 cêntimos. Podes enviá-los em selos de correio, em coupons internacionais e até em notas de Banco. — Para me escreveres e teres direito à respectiva resposta, não necessitas de ser assinante. Cá ficas inscrito no número dos meus consulentes.

657 — REY... SEM TRONO *(Lisboa)*. — A verdade histórica nem sempre é preocupação dos argumentistas de Hollywood. Assim, no caso de *Robin dos Bosques*, a verdade foi sacrificada ao conceito de espectáculo e à fantasia. — O código de Hays continua a vigorar, em Hollywood. — Escreve à Carmen Miranda para 20th Century Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia. Chamam-lhe «a portuguesa do Brasil», porque sendo portuguesa de nascimento, foi, menina e moça, para o país irmão, e é brasileira de alma e coração. — Betty Grable é um amor de rapariga. Fisicamente, temos que a colocar muito acima da maioria das estrêlas consagradas.

658 — OLIVA PALITO *(Portalegre)*. — Cá recebi a tua simpática carta, tendo a imagem do «Sr. Grilo», como brasão. — *A Sorte Grande* é, de facto, um filme delicioso e engraçadíssimo. A interpretação da Ginger, as suas tentações, o tom «malicioso», o ar constante de «curto circuito» iminente, tudo contribui para fazer de *Lucky Partners* um filme adorável. — De facto, aqui e além, houve cenas «aparadas». — Quanto a mim, também prefiro a Ginger-loira à Ginger-morena. — Pitoresca a opinião daquele teu amigo que classifica as tuas cartas, escritas a tinta verde, de «uma verdadeira salada de agriões». Pitoresca, mas irreverente...

659 — REY SOL *(Lisboa)* — Sê bem aparecido, amigo. — Podes escrever-me sempre que queiras. Fico aguardando, pois, a tua próxima carta. — *Rey Sol* saúda todos os leitores desta secção. Arline Judge: 20th Century Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia.

660 — BEL, LADRÃO DE ARONA *(Évora)*. — Que demónio de pseudónimo fôste tu arranjar!? — A despeito do mesmo, apresento-te as minhas saüdações e as boas-vindas. — Anny Ondra, mulher de Max Schmelling, na vida privada, continua a filmar. — Ramon Novarro deixou-nos em paz. Dêle perdura a memória de Ben-Hur...

661 — SÓ... SEM PSEUDÓNIMO *(Pôrto)*.—Obrigado, pelas tuas palavras. — Não posso satisfazer o teu desejo de solicitar de alguém que te apadrinhe, pelo simples motivo de que a pessoa a que te referes me ter pedido que nunca mais escrevesse o seu pseudónimo nesta secção. Mas estou certo de que outras leitoras haverá dispostas a baptizar-te.

662 — BENJAMINA *(Lisboa)*. — Antes que me esqueça: Tenho outra carta para ti. Um bocado volumosa, valha a verdade. — Gostei muito de ler a tua última carta, com o novo tratamento. Que engraçado!... Que saboroso. Não avalies *O Monte dos Vendavais*-filme pelo *Monte dos Vendavais*-romance. São totalmente diferentes, se bem que o espírito da obra de Emile Brontë (que aqui para nós devia ter uma «neura» que chegava para uma casa de família...), se bem que o espírito da obra, dizia eu, esteja inteirinho n. filme. Poema da maldade humana, epopeia do mau génio e do rancor, *O Monte dos Vendavais* é um filme inesquecível. — Estou à espera das suas notícias sôbre os outros filmes que me disse ter visto e aos quais ainda se não referiu. — Como vão o Gable e a Crawford, em «tecnicolor»?! Passou-se alguma coisa?

663 — DUQUE DE WEST-POINT *(Lisboa)*. — A meu ver, a Gloria Jean e a Deanna Durbin, cada vez terão razão para menos emulações. Com efeito, a segunda está evolucionando de tal maneira, que já não a podemos catalogar no número das estrêlas-meninas. Deanna casou-se com Vaughan Paul e, para o ano (quem sabe?) talvez já seja mamã!... — *De Braço Dado* é um dos melhores filmes musicais que a América últimamente nos tem dado.

664—BOB TAYLOR *(Lisboa)*. Êste leitor, nos dois postais a que estou respondendo, pede-me que saúde *Brunhilde*, *Antinea I* e *Antinea II*. — A morada de Zoe Dell Santz: Escadinhas da Barroca, 35, 5.º andar! Que grande mágico, tu me saíste! Queres convencer-me que te interessa conhecer a morada da Zoe?!...

665 — AMIGO N.º 1 DO «ANIMATÓGRAFO» *(Pôrto)*. — Maria da Graça tem incontestáveis qualidades para o Cinema. É nova, bonita e tem intuição artística. — Estou certo de que *De Braço Dado* te entusiasmou. — *A Varanda dos Rouxinóis* é uma produção da Tobis Portuguesa. —

666 — CAPITÃO BLOOD *(Tomar)*. — Já pedi ao nosso colega Jaime de Castro que se não esqueça da biografia de Ann Rutherford e Helen Parrish. — Essa notícia que lêste referente à Norma Shearer é pura fantasia. Com que então, «quando ela começou a fazer Cinema tinha as pernas tortas, os dentes acavalados e era estrábica»? Essas mentiras só fazem mal ao Cinema. — A Lili Damita não é portuguesa de gema. Mas a verdade é que viveu entre nós, num prédio do Largo do Camões, desde os cinco anos até aos dezoito. A mãe era francesa e ela em França nasceu. Lili foi uma das mais graciosas raparigas da boémia doirada lisboeta. — A pessoa a que te referes e que figura na foto publicada no n.º do Natal, ao lado da Maria da Graça e de António Lopes Ribeiro é o chefe de publicidade da Lisboa-Filme e nosso camarada no jornalismo cinematográfico Santos Mendes.

667 — CONDE AXEL DE FERSEN DA SUÉCIA *(Lisboa)*. — Recebi a tua carta de cinco fôlhas de grandes dimensões, quatro das quais em louvor ao *Animatógrafo*. Obrigado, pelas tuas entusiásticas palavras. — Êste leitor saúda *Brunhilde*, *Saüdade* e *Pinocchio* com quem desejaria corresponder-se. — Bette Davis nasceu a 5 de Abril de 1908. — Alyce Faye nasceu a 5 de Maio de 1912. — Alguns filmes de Joan Bennett: *Nevoeiro em Londres*, *O Homem que desbancou Monte Carlo*, *O Grito de 1938*, *Romance duma fugitiva*, *O Máscara de Ferro*, *A Filha da Governanta*, etc., etc.

668 — CALOIRO CINÉFILO *(Coimbra)*. — «Com esta, é a 6.ª vez que lhe escrevo». Então já lá tens, pelo menos, cinco respostas minhas. — O Melvyn Douglas não é um artista «secundário». Pelo contrário. Em *Cem contra um*, por exemplo, era o

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

protagonista. — O actor a que te referes é, de facto, o John Clemers.

669 — ADMIRADOR N.º 1 DE MARIA DA GRAÇA. — Substitui o «apaixonado» por «admirador». Não te zangues, mas a verdade é que essas «confissões» não devem ser feitas em público. A «paixão» tem sempre um carácter pessoal. Visa a Mulher. A «admiração» pode dirigir-se à Artista. E nesta secção, só o segundo caso podemos considerar. — Claro que te estou a receber com tôda a consideração. — *O Monte dos Vendavais* é, de facto, um filme magnífico. — Se tiveres algum argumento que interesse ao Cinema podes registá-lo na Inspecção Geral dos Espectáculos e, depois, sujeitá-lo à apreciação do cineasta que entenderes. — Não creio que Maria da Graça esteja disposta a cartear-se contigo, se bem que não duvide dos teus dotes de simpatia... Ele é que poderá dizer-te. E eu não lhe posso preguntar.

670 — ETERNA GAROTA (*Lisboa*). — Ora ainda bem que tudo se esclareceu e que se provou eu não ser o culpado da demora das respostas às tuas cartas. Ficaram na «poche restante», como dizia um francês meu amigo, sempre que se esquecia de pôr as cartas no correio e as encontrava, surpreso, dias depois, na algibeira onde as metera... — *Eterna Garota* acede a corresponder-se com *Conde Axel de Fersen da Suécia* desde que êle seja o primeiro a escrever-lhe. — Ignoro as razões que levaram a Metro a não trazer à Europa o filme *Lucky Night*. Às vezes, estão ligados a estes casos questões de direitos de autor.

671 — FREI DEMÓNIO (*Lisboa*). — Por ora, a produção portuguesa, por motivos que não vale a pena ennumerar, e entre os quais avulta o do reduzido número dos seus filmes, não justifica a ideia de se atribuirem prémios a realizadores, operadores e intérpretes. — O Dennis King deve limitar agora a sua actividade ao palco. — Transmito as tuas saudações a *Luiz XV*, *Mab-Illa*, *Benjamina*, *Donalda* e *Bob Taylor*.

672 — MR. SMITH (*Pôrto*). Como tu, também tenho muitas saudades dos filmes de actualidades dos bons tempos em que valia a pena ver o que ia pelo mundo! — Não vejo inconveniente algum no que me dizes: o filme de fundo, de determinado programa, ser americano, e os complementos serem produções de outros países. Desde que cada filme tenha interêsse, que importa a origem?

673 — VISCONDE DE BELO CAIS (*Coimbra*). — Ignoro se o rev. O'Donell é vivo ou morto. — Quanto a mim a Lana Turner é incontestàvelmente mais «glamourous» (para me servir da terminalogia da Cinelândia) do que a Jean Parker, que me faz lembrar um pãosinho sem sal... — Estou longe de considerar o Henry Fonda como o mais antipático dos artistas de Hollywood. Na lista das antipatias, (e no meu caso pessoal), ponho outros à cabeça: o John Boles, por exemplo.

674 — TÍMIDO (*Lisboa*). — Fizeste muito bem em escrever-me. Tôda a carta tem resposta. Nunca me canso de proclamar esta regra basilar do nosso protocolo. — Fico aguardando as tuas notícias.

675 — ROBIN E IVANHOÉ (*Lisboa*). — Apresento-vos, com a maior simpatia, as boas-vindas. — Eis as moradas que vos interessam: Hedy Lamarr e Ann Rutherford, Metro Goldwyn Mayer, Culver City, Califórnia; Joan Bennett: United Artists Studios 1040, Formosa Avenue, Hollywood, Califórnia; Jean Arthur, Columbia Pictures Studios, 1438, Gower Street, Hollywood, Califórnia. — Podem escrever-lhes em português e experimentem solicitar a foto, sem enviar dinheiro. Às vezes, dá resultado...

676 XANDA (*Viseu*). — Ficaste inscrito na legião dos meus amigos e leitores. — Lògicamente, para obteres uma fotografia autografada da Maria da Graça, deverias limitar-te a solicitá-la. Acontece, porém, que Maria da Graça, por não dispor de fotos, não pode corresponder a êsses pedidos. — Suponho que teremos que esperar muito antes de podermos ver um filme português de desenhos animados.

677 — ADOLFO MENJOU (*Évora*). — É muito difícil ennumerar, por ordem de mérito, os filmes portugueses. Tínhamos que os julgar todos no mesmo plano de valor absoluto (o que seria injusto!) ou entrar na classificação com múltiplos factores em linha de conta, o que o espaço desta secção não consente. — Tyronne Power nasceu a 5 de Agôsto de 1914. Annabella: 14 de Julho de 1912.

678 — EXILADO DO MONDEGO (*Lisboa*). — Muito cativante a ideia que tiveste de oferecer a oito dos teus amigos um exemplar de *Animatógrafo*, para que ficassem sendo seus leitores. Comovidíssimos, com a tua dedicação. — Transmito os teus cumprimentos a *Benjamina*.

679 — MARIA DE LOURDES DELGADO (*Lisboa*). — Deanna Durbin: Universal Studios, Universal City, Hollywood, Califórnia. — Mickey Rooney: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia.

680 — PHOEBUS. — Em boa verdade, ignoro qual a maneira de obteres uma foto autografada da Maria da Graça, uma vez que ela não tem satisfeito os pedidos dos seus admiradores. — O talento e o génio são dons da Providência. Nasce-se actor, como se nasce músico ou poeta. O que não quere dizer que a experiência e a aprendizagem não possam contribuir para uma «mise-au-point» de talento criador. — *Gunga Din* é um filme muito curioso, cheio de emoção e de interêsse, a despeito do convecionalismo de certas personagens. No entanto, vê-lo seis vezes parece-me um exagêro.

681 — UMA RAPARIGA PARECIDA COM A INGRID BERGMANN. — Se o teu pseudónimo é a expressão da verdade, felicito-te pela analogia física que dizes ter com a inolvidável intérprete de *Intermezzo*. — De acôrdo com o que me dizes a propósito de *Robin Hood*. De resto, a acção baseia-se numa lenda. — Escreve ao Cary Grant para Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. Tenho a impressão de que êle te remeterá a desejada fotografia sem exigir qualquer quantia por ela. — O filme a que aludes deixava, de facto, muito a desejar — Espero mais cartas tuas, se não desanimaste com a involuntária demora da resposta a esta, tão gentil, a que me tenho referido.

682 — PEÇO A PALAVRA (*Pôrto*). — Muito simpática e muito lisongeira, para o *Animatógrafo* e para todos nós, a tua carta! Obrigado, pela confiança que depositas na nossa revista e nas pessoas que fazem parte do seu corpo redactorial. Diligenciamos não vos desiludir.

683 — OUBLI (*Penafiel*). — Não vi *J'accuse*, cuja exibição foi interdita em Lisboa, depois de ter feito a sua carreira, em estreia, no Pôrto. Não posso por isso pronunciar-me! No entanto, discordo da ordem segundo a qual classificas os outros três filmes. Eu estabeleceria a relação da seguinte forma: *Denunciante*, *Maria Antonieta* e *Gunga Din*. — *Oubli* gostaria de possuir as letras de *Amapola* e *Il Baccio*, que Deanna Durbin cantava respectivamente em «*O Primeiro Amor de Gata Borralheira* e *Três Raparigas Modernas*. — A «nossa Deanna», dizes tu?! Perdão: a Senhora de Vaugham Paul. A propósito: ainda há homens com sorte!... Não te parece?!

684 — GARY COOPER EM ERMEZINDE (*Pôrto*). — A pregunta que me fazes, relativa ao «referendum», perdeu a oportunidade. — Gostaste de *O Monte dos Vendavais?!* Nem podia ser doutro modo.

685 — BEM SEI QUE, ETC. (*Alpiarça*). — Resumi o teu pseudónimo por me parecer pouco cinematográfico... — Gloria Jean é artista da Universal. Podes escrever-lhe para a Universal Studios, Universal City, Hollywood, Califórnia. — O papel de Maria da Graça em *Pôrto de Abrigo*, nem é cómico, nem dramático. «Antes pelo contrário», como diria o outro... «Impressões sôbre a Deanna Durbin?» Não posso responder-te cabalmente a esta pregunta. Escreve ao Vaugham Paul, Universal Studios, Universal City, Hollywood, Califórnia.

686 — 16 ANOS INCOMPLERENSE (*Évora*). — Cá estou pronto para o «ajuste de contas». Se tu soubesses quanto sofro tôdas as segundas-feiras, ao lembrar-me de que tantas leitoras e leitores terão a desilusão de não encontrar o seu nome, no «Correio de Bel-Tenebroso» — Estou certo de que me mandarias «o tal postal muito bonito» que deixaste de me enviar, como castigo!... — Transmito as tuas saudações a *Bel*, *o pirata*, *Benjamina* e *Deram-lhe uma Espingarda*.

Bel-Tenebroso

CINEMA DE AMADORES

(*Conclusão da pág. 8*)

«Condor Cine Clube» colaborou com Ribeirinho nas tomadas de vistas dêsse filme. Prestaram a colaboração os nossos operadores Fernando Alves e Fernando Aroso.

E de futuro, que pensam fazer?

Meu caro amigo: preparamos alguns filmes mas não sabemos se o tempo incerto que decorre nos permitirá realizá-los.

No entanto esperamos fazer até Junho dois filmes;

2 VALENTÕES.

Argumento de Nuno Barros Basto sendo realizado por Fernando Aroso que neste momento está a fazer a planificação.

COMO EU VI A PRIMAVERA

Documentário sonoro pelo sistema «VITAFONE» de que já tenho o argumento pronto e que pretendo realizar durante a primeira quinzena de Maio.

Serve-lhe de fundo uma valsa lenta, cantada,—«Eu vi em ti...» da autoria de A. Silva Dias, cuja letra escrevi expressamente para o filme.

Devo dizer-lhe ainda que tenho um argumento já planificado, que irá focar a vida dos trabalhadores de construção civil, que muito contribuem para o engrandecimento da cidade.

ORGANIZAÇÃO

Actualmente o «Condor Cine Clube» está constituído por dez associados e seis associadas e trabalha no formato 9,5 mm.

A direcção é formada pelos seguintes associados:

Presidente: *Alberto de Sousa Pinto*;
Secretário: *Fernando Aroso*;
Tesoureiro: *José Cândido Viana*.

Além da Direcção está constituída uma comissão técnica que é composta por:
Presidente: *Américo Corrêa*;
Vogal: *Fernando Alves*;
Vogal: *Fernando Aroso*.

Esta comissão, técnica tem por missão orientar tôda a actividade cinematográfica do Club procurando, dentro das suas possibilidades, obter o maior desenvolvimento técnico e artístico.

HOJE

pela primeira vez juntos, os dois grandes favoritos do público:

TYRONE
POWER E DOROTHY
LAMOUR



num filme empolgante do célebre realizador **Henry Hathaway**

O filho também roubou!

(«JOHNNY APOLLO»)

um dos maiores êxitos do mundo da **FOX FILMES, LDA.**



TYRONE
POWER
empolga!

DOROTHY
LAMOUR
seduz!

EDWARD
ARNOLD
domina!

UM
GRANDE
FILME DA

20th CENTURY FOX

que se estreia hoje no

TIVOLI

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



OLIVIA DE HAVILLAND e GEORGE BRENT, na «BATALHA DO OIRO», que a S. I. F. estreia, terça-feira, no Trindade, do Pôrto

ÊSTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO-BRINDE: TYRONE POWER